

BRAZ JOSÉ DO NASCIMENTO JÚNIOR

OS FILHOS DE JACÓ

PATRIARCADO E PRIMOGENITURA





Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Bibliotecária responsável: Aline Grazielle Benitez CRB-1/3129

N195f Nascimento Júnior, Braz José do

1.ed. Os filhos de Jacó: patriarcado e primogenitura [livro eletrônico] / Braz José do Nascimento Junior. – 1.ed. – Curitiba-PR: Editora Bagai, 2021.
E-Book.

Bibliografia.


ISBN: 978-65-81368-11-1

1. Bíblia – Antigo testamento. 2. Doze tribos de Israel. 3. Israel e Judá. 4. Patriarcado – Judeus. 5. Primogenitura. I. Título.

07-2021/06

CDD 221.95

Índice para catálogo sistemático:
1. Israel: Antigo testamento: Bíblia 221.95

 <https://doi.org/10.37008/978-65-81368-11-1.01.07.21>

ISBN 978-65-81368-11-1



9 786581 368111 >

Este livro foi composto pela Editora Bagai.



www.editorabagai.com.br



[/editorabagai](https://www.instagram.com/editorabagai)



[/editorabagai](https://www.facebook.com/editorabagai)



contato@editorabagai.com.br

BRAZ JOSÉ DO NASCIMENTO JÚNIOR

OS FILHOS DE JACÓ:
Patriarcado e Primogenitura



1.ª Edição - *Copyright*© 2021 dos autores
Direitos de Edição Reservados à Editora Bagai.

Editor-Chefe Cleber Bianchessi
Revisão O Autor
Projeto Gráfico Mirai Produção Editorial
Imagem da Capa Justhon Monteiro Silva
Conselho Editorial Dr. Adilson Tadeu Basquerote – UNIDAVI
Dra. Andréa Cristina Marques de Araújo - CESUPA
Dr. Antonio Xavier Tomo - UPM - MOÇAMBIQUE
Dra. Camila Cunico - UFPB
Dr. Carlos Luís Pereira - UFES
Dra. Daniela Mendes V da Silva – SEEDUCRJ/UCB
Dra. Elnora Maria Gondim Machado Lima - UFPI
Dra. Elisângela Rosemeri Martins – UESC
Dr. Ernane Rosa Martins – IFG
Dr. Everaldo dos Santos Mendes - PUC-Rio – ISTEIN - PUC Minas
Dr. Juan Eligio López García – UCF-CUBA
Dr. Juan Martín Ceballos Almeraya - CUIM-MÉXICO
Dra. Karina de Araújo Dias – SME/PMF
Dra. Larissa Warnavin – UNINTER
Dr. Luciano Luz Gonzaga – SEEDUCRJ
Dr. Luiz M B Rocha Menezes – IFTM
Dr. Márcio de Oliveira – UFAM
Dr. Marcos Pereira dos Santos – SITG/FAQ
Dra. María Caridad Bestard González - UCF-CUBA
Dr. Porfirio Pinto – CIDH - PORTUGAL
Dr. Ricardo Cauica Ferreira - UNITEL - ANGOLA
Dra. Sueli da Silva Aquino - FIPAR
Dr. Tiago Eurico de Lacerda – UTFPR
Dr. Tiago Tendai Chingore - UNILICUNGO - MOÇAMBIQUE
Dr. Willian Douglas Guilherme – UFT
Dr. Yoissell López Bestard - SEDUCRS

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
O PRIMOGÊNITO DE JACÓ: RUBEM	27
O SEGUNDO FILHO DE LÉIA: SIMEÃO	42
O TERCEIRO FILHO DE LÉIA: LEVI	47
O QUARTO FILHO DE LÉIA: JUDÁ	56
O PRIMOGÊNITO DA SERVA DE RAQUEL CHAMADA BILA: DÃ	66
SEGUNDO FILHO DA CONCUBINA BILA: NAFTALI	70
O PRIMOGÊNITO DA SERVA DE LÉIA CHAMADA DE ZILPA: GADE.	73
O SEGUNDO FILHO DA SERVA DE LÉIA CHAMADA ZILPA: ASER.	77
O QUINTO FILHO DE LÉIA: ISSACAR	80
O SEXTO FILHO DE LÉIA: ZEBULOM	83
O SONHADOR-MOR, FILHO PRIMOGÊNITO DE RAQUEL: JOSÉ.	86
O SEGUNDO FILHO DE RAQUEL, O CAÇULA DE JACÓ: BENJAMIM.	102
CONCLUSÃO	107
REFERÊNCIAS	113
SOBRE O AUTOR	115
INDICE REMISSIVO	116

DEDICATÓRIA

Dedico esta obra ao Deus da minha salvação, minha fonte de inspiração, pelo dom da vida e pela fortaleza nos momentos de angústias; a minha família pela compreensão das minhas ausências durante a escrita e a pesquisa para esse livro, pelo amor, carinho e apoio em meus projetos de vida, principalmente, a minha esposa Karla Adriana, aos meus filhos Nínive Victória, Rafael Pedro e Igor Samuel, aos meus pais, seu Braz José e dona Maria da Conceição (*in memoriam*) e ao meu irmão Pr. Welvson Dennis; a todos que direta ou indiretamente contribuíram, porque não fazemos nada sozinhos, o meu muito obrigado...

PRIMEIRO PREFÁCIO

O autor nos apresenta um rico conteúdo da Bíblia num episódio que relata a vida dos patriarcas: Abraão, Isaque, Jacó, suas respectivas famílias e suas condutas que terminaram por atender ao propósito de Deus.

Tal história retrata fatos e atitudes, que na perspectiva cristã, podem ser considerados desvios de conduta, os quais, dentro desta mesma perspectiva, seriam reprovados, mas dentro do contexto no qual estão inseridos puderam servir, a posteriori, aos objetivos do soberano Deus.

Este livro oportuniza seus leitores, a uma viagem histórica recheada de acontecimentos ora positivos, ora dramáticos, a conhecer a descendência de Abraão, o qual foi chamado por Deus a seguir numa peregrinação por terras muitas vezes hostis e para um destino por ele desconhecido, mas estabelecido pelo próprio Deus.

É perceptível, no conteúdo deste livro, a intenção do autor em produzir conhecimento que estimule a percepção da descendência de Abraão, destacando a pessoa de Jacó e seu eminente patriarcado, com o objetivo de proporcionar uma busca do entendimento para a escolha de José e Judá na sucessão do seu patriarcado.

Ao se debruçar sobre tal conteúdo o leitor terá diante de si um compêndio, fruto de pesquisa de artigos, documentos e livros teológicos e históricos, além de reunir textos da própria Bíblia, tornando-o, numa simultaneidade, fonte de conhecimento devocional pela forma clara do seu desenvolvimento, bem como de pesquisa acadêmica por conter recursos teologicamente constituídos.

O desenvolvimento da leitura revelará conflito de cunho intra-familiar entre o pai Isaque, o irmão Esaú, a mãe Rebeca e o próprio Jacó, desencadeado pela estratégica e maldosa tomada da primogenitura de Esaú e passada para Jacó que recebera a bênção e que tendo

a intencional convivência da mãe, conseguiram enganar Isaque que estava cego.

Este livro oportunizará também uma reflexão sobre a valorização de prioridades, sem a qual perdas significativas se darão à semelhança de Esaú que, focando a necessidade de saciar sua fome, descuidou de princípios essenciais de sua cultura, fazendo-o perder a respectiva primogenitura.

Assim, o leitor terá em suas mãos um rico conteúdo que o oportunizará conhecer esta brilhante história da qual se origina a promessa e propósito de Deus que coaduna em Jesus Cristo, o Salvador.

Valdeck Souza de Oliveira
Bacharel em Teologia pelo Seminário
Teológico Batista do Norte do Brasil (1993)
Pastor Titular da Igreja Batista em
Areia Branca (IBAB) – Petrolina – PE

SEGUNDO PREFÁCIO

Uma das grandes máximas para aqueles que estudam é: *“Um povo que não conhece sua própria história, está fadado a repetir os erros do passado”* (Edmund Burke).

Nunca foi tão urgente, como nos tempos atuais, a necessidade de um reencontro com as sagradas escrituras, que em seu contexto não só traz para nós verdades espirituais, como também, a história de uma nação e sua relação com o transcendente.

A origem desta nação não é somente um marco histórico como também marca a revelação de um Deus amoroso, zeloso e justo, criador de todas as coisas e que sempre deseja se relacionar com a sua criação. Um Deus que não está sujeito às normas e regras humanas, como a ideia da primogenitura.

Por isso, seu nascimento não define quem é você, mas a sua relação e sujeição a esse Deus podem mudar toda sua história. Como Abrão que não é chamado para ser pai de Isaque, mas pai de uma grande nação. Nesse sentido, Isaque não era pra ser apenas o cumprimento de uma promessa, mas herdeiro e participante desta. Assim como Jacó no vau de Jaboque em Gênesis 32: 22, quando se encontrava com Deus, e este lhe dá uma nova direção, transformando aquele que usurpava, em um príncipe poderoso.

A descendência deste último segue uma trajetória de altos e baixos, de voltas e reviravoltas, onde podemos aprender com estas histórias que muitas vezes se cruzam entre o profano e sagrado, mas aqueles que se mantiveram firmes nas promessas feitas por este Deus desfrutaram da terra que manava leite e mel.

Neste livro, o autor trás para nós com clareza e profundidade a trajetória das tribos que são as pedras fundamentais desta que é uma grande nação, não por seu tamanho, mais pelo grande Deus que a regia.

Nesta leitura empolgante, vemos um Deus que estende a sua graça e misericórdia àqueles que se submetem ao Seu Senhorio.

Paulo Henrique Silva de Oliveira

Bacharel em Teologia pelo Seminário Batista do Nordeste – Feira de Santana – Bahia (2009) - Licenciado em Filosofia - Especialista em Ciências da Religião - Pastor da Associação ÁGAPE – Comunidade Terapêutica em Petrolina

INTRODUÇÃO

O PATRIARCA ABRÃO (ABRAÃO)

Tudo começou quando Deus chamou Abrão, já com 75 anos e disse: *“Sai da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai, para a terra que eu te mostrarei. Farei de ti uma grande nação e te abençoarei, engrandecerei o teu nome; e tu serás uma bênção. E abençoarei os que te abençoarem, e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem; e em ti serão benditas todas as famílias da terra”* (Gênesis 12: 1-3). Então, o primeiro patriarca atende ao chamado do Senhor e sai de Harã, levando a esposa Sarai e o seu sobrinho Ló.

Quando Abrão estava nos Carvalhais de Moré, Deus lhe faz mais uma promessa, de dar a terra (Canaã) para parentela dele. Logo depois ocorreu uma contenda entre os trabalhadores de Ló e pastores de Abrão, de tal maneira que tiveram que se separar. Ló seguiu às Campinas do Jordão que eram terras muito férteis e Abrão habitou na terra de Canaã. Dessa forma, o sobrinho do patriarca fez a sua escolha baseada no que os olhos virão, na lógica e na ambição, já que as terras as margens do rio eram agricultáveis e tinham muito pasto para o gado que possuía. Em contrapartida, Abrão ficou com o que sobrou, no entanto, ele tinha o chamado do Senhor e sabia que Deus iria abençoá-lo em sua opção aparentemente desvantajosa.

Anos se passaram e Deus volta a falar com Abrão e lhe promete um filho em uma visão. A princípio, o patriarca não entendeu a fala do Senhor, porque já era velho e sem filhos, achava que a sua herança ficaria para o mordomo damasceno Eliezer, no entanto, Deus explica e diz: *“Este não será o teu herdeiro; mas aquele que de tuas entranhas sair, este será o teu herdeiro. Então o levou fora e disse: Olha agora para os céus, e conta às estrelas, se as podes contar. E disse-lhe: Assim será a tua descendência. E creu no Senhor e lhe imputou por justiça”* (Gênesis 15:4-6). E continuou: *“À tua descendência darei esta terra, desde o rio do Egito até ao grande rio Eufrates”*. (Gênesis 15: 18). O que se pode entender

dessas passagens? Compreende-se que a fé de Abrão confirmou o plano de Deus e que nada estava perdido ou demorou demais, tudo teve seu tempo certo.

A sua mulher Sarai (significa princesa) era muito bela, mas não podia gerar filhos, por ser estéril. Essa condição era considerada uma maldição para os povos antigos, já que a ordem de Deus era crescer e multiplicar e que os filhos eram força de trabalho, importante na economia motriz, baseada na agricultura familiar e pecuária de subsistência. Então, diante da necessidade, Sarai resolveu dar um filho a Abrão, através de sua serva egípcia, chamada Agar. Isso era um costume da época quando a mulher (esposa) era infértil. O patriarca com 86 anos teve relações com Agar e ela deu à luz a um filho que se chamou Ismael que significa “Deus ouviu”. Essa criança foi motivo de atritos entre as duas mulheres de Abrão, situação que rendeu ao patriarca a separação da serva e da criança. Mais a frente, os descendentes de Abrão originaram dois grandes blocos religiosos, que se digladiam até hoje, o Judaísmo de Isaque e o Islamismo de Ismael.

Quando Abrão estava com 89 anos, Deus fala novamente com ele. O Senhor o conclama para que ande na sua presença, buscando ser perfeito e afirma que o patriarca iria ser pai de uma multidão de nações. Então, no capítulo 17 de Gênesis, no versículo 5, o Senhor muda o nome de Abrão para Abraão (pai de muitos povos) e diz: *“E te farei frutificar grandemente e ti farei nações, e reis sairão de ti; e estabelecerei a minha aliança entre mim e ti e a tua descendência depois de ti em suas gerações, por aliança perpétua, para te ser a ti por Deus, e à tua descendência depois de ti. E te darei a ti e à tua descendência depois de ti, a terra de tuas peregrinações, toda a terra de Canaã em perpétua possessão e ser-lhes-ei o seu Deus. Disse mais Deus a Abraão: Tu, porém, guardarás a minha aliança, tu, e a tua descendência depois de ti, nas suas gerações. Esta é a minha aliança, que guardareis entre mim e vós, e a tua descendência depois de ti: Que todo o homem entre vós será circuncidado”* (Gênesis 17: 6-10).

Alguns anos depois, quando Abraão tinha 100 anos, Deus também mudou o nome de Sarai para Sara (mãe de nações) e permitiu que Isaque nascesse. Também nesse período do nascimento de Isaque, Abrão teve que despedir a serva Agar e o seu filho Ismael, que já estava com 14 anos, pois o adolescente zombava de Isaque, gerando atrito e insatisfação a Sara.

O maior desafio de fé demonstrado por Abrão foi quando ele atendeu a prova que Deus lhe propôs de sacrificar o seu filho Isaque em holocausto, então Deus disse: *“Abraão! E ele disse: Eis-me aqui. E disse: Toma agora o teu filho, o teu único filho, Isaque, a quem amas, e vai-te à terra de Moriá, e oferece-o ali em holocausto sobre uma das montanhas, que eu te direi”* (Gênesis 22: 1-2). A bíblia relata que o patriarca se levantou e se dirigiu ao local designado por Deus, tomou a lenha, colocou sobre seu filho, pegou o fogo e o cutelo empunhado. Esses objetos chamaram a atenção e geraram dúvidas em Isaque, fazendo-o perguntar onde estaria o cordeiro para o sacrifício, pai? Já que nessa época era comum sacrifício de animais, mas os sacrifícios humanos eram reservados as religiões pagãs. O fato também confirma que Isaque não sabia dos planos de Abraão sobre o seu holocausto. A pergunta do menino gerou uma resposta de fé do ancião, que afirmou que Deus proferiria. E foi o que realmente aconteceu no momento do sacrifício de Isaque. Deus interveio oferecendo um cordeiro e evitou a morte do garoto. Por conta da não negação em sacrificar o seu filho, Abraão foi positivamente testado, com isso, fortemente abençoado e recebeu a promessa: *“Por mim mesmo jurei, diz o SENHOR: Porquanto fizeste esta ação, e não me negaste o teu filho, o teu único filho, que deveras te abençoarei, e grandemente multiplicarei a tua descendência como as estrelas dos céus, e como a areia que está na praia do mar; e a tua descendência possuirá a porta dos seus inimigos; e em tua descendência serão benditas todas as nações da terra; porquanto obedeceste à minha voz”* (Gêneses 22: 16-18).

A mãe de Isaque faleceu quando ele tinha 37 anos. Em consequência disso, Abraão ficou viúvo. Sara morreu com 127 anos e foi sepultada na cova de Macpela, em Hebron, na terra de Canaã que foi comprada por Abraão a Efron, por 400 siclos de prata (cerca de 4,5 kg).

Depois da morte de Sara, Abraão com a idade avançada, dispôs-se a um novo casamento. Ele se casou com Quetura e ainda gerou outros seis filhos: Zinrã, Jocsã, Medã, Midiã, Isdaque e Suá. Apesar de ter tido outros filhos com sua segunda esposa, Abraão enviou os seus outros descendentes para o Oriente, longe de Isaque e a este, deu tudo o que possuía como herança (Gênesis 25: 1-6).

Abraão se encontrava bem idoso e abençoado por Deus em tudo. Sua principal preocupação era encontrar uma esposa para Isaque, pois não queria que o rapaz se casasse com as filhas dos cananeus, já que era povo pagão, descendentes de Canaã, politeístas, com práticas abomináveis a *Yahweh*. Essa atitude do patriarca pode revelar que o mesmo achava que estava prestes a morrer e que tinha que realizar o casamento do seu filho, mas após esse episódio, Abraão ainda viveu muitos anos.

Então Abraão determinou ao seu mordomo que fosse buscar uma moça em sua parentela. Então o servo do patriarca seguiu viagem levando consigo dez camelos cheios de mantimentos e presentes em direção à cidade de Naor, região da Mesopotâmia. Ao chegar ao seu destino, fez um trato com Deus e disse: *“Seja, pois, que a donzela, a quem eu disser: Abaixa agora o teu cântaro para que eu beba; e ela disser: Bebe, e também darei de beber aos teus camelos; esta seja a quem designaste ao teu servo Isaque, e que eu conheça nisso que usaste de benevolência com meu senhor”*. (Gêneses 24: 14). E assim aconteceu com uma moça chamada Rebeca, que era filha de Betuel e irmã de Labão. Betuel era sobrinho de Abrão e a donzela era neta de Naor, irmão de Abraão. O mordomo deu presentes a Rebeca, passou a noite em sua casa e pela

manhã a donzela aceitou o convite de casamento e seguiu viagem de volta para o encontro com Isaque.

O PATRIARCA ISAUQUE

O encontro de Rebeca com Isaque foi um episódio marcante relatado em Gênesis 25: 58-67, pois Deus confirmou a afinidade de imediato, ao se encontrarem os jovens ficaram atraídos um pelo outro, de tal forma que o filho de Abraão logo levou a moça à tenda da sua mãe, tomando-a como mulher e a amou. Dessa forma, Isaque foi consolado depois da morte de sua mãe e começou uma longa união conjugal, a história de mais um patriarca.

Três anos após a morte de Sara, Isaque estava com 40 anos e havia tomado Rebeca por mulher. Mas a moça que se casara era estéril e Isaque orou a Deus para que ela concebesse um filho e Deus ouviu a oração. Rebeca ficou grávida de gêmeos quando Isaque tinha 60 anos e veio a parir no tempo determinado. Durante o parto, o primeiro a sair foi Esaú que era ruivo e peludo, mas o segundo foi Jacó, que saiu agarrado ao calcanhar do seu irmão primogênito.

Esaú se tornou um exímio caçador e Jacó era homem simples e habitava em tendas. Por conta disso, o casal tinha suas preferências, enquanto Isaque amava Esaú, Rebeca preferia Jacó. Apesar de Jacó ter uma menor projeção social que Esaú, ele valorizava as tradições e buscava sempre tirar vantagens do seu irmão para obter o direito a primogenitura até conseguir e por isso, foi o sucessor de Isaque no patriarcado hebreu.

Certa vez Esaú chegou cansado de uma caçada mal sucedida e pediu à comida que Jacó tinha preparado, então, Jacó propõe uma troca do guisado pelo direito à primogenitura. Esaú aceita o cozido de lentilhas, despreza uma tradição importante e diz: *“Eis que estou a ponto de morrer; para que me servirá a primogenitura? Então disse Jacó:*

Jura-me hoje. E jurou-lhe e vendeu a sua primogenitura a Jacó. E Jacó deu pão a Esaú e o guisado de lentilhas; e ele comeu, e bebeu, e levantou-se, e saiu. Assim desprezou Esaú a sua primogenitura” (Gênesis 25: 32-34). Nessa passagem podemos observar que Esaú estava mais preocupado em saciar a sua necessidade imediata, seu desejo fisiológico, sem pensar ou valorizar as consequências da sua decisão. Já Jacó, apesar de sua atitude politicamente incorreta, aproveitou-se do momento, utilizou-se de uma situação banal para lograr êxito naquilo que desejava, valorizava, mas não tinha o direito legal, até então. Esaú se mostrou imaturo, ingênuo, tolo e inconsequente. Jacó foi esperto, ambicioso e egoísta. Os fins não podem justificar os meios pelos quais Jacó conseguiu seus objetivos, mas ao menos, ele valorizou a tradição e o que era melhor para ele e sua descendência.

Mais uma vez Jacó tirou vantagens sobre Esaú, quando mancomunado com Rebeca, resolve enganar Isaque que estava cego, por provável ação de catarata, para obter a bênção do patriarca. Rebeca escuta Isaque pedindo uma caça a Esaú, resolve preparar um guisado das ovelhas do rebanho, manda Jacó levar a comida para seu pai e receber a bênção no lugar de Esaú. Isaque termina abençoando Jacó em vez de Esaú, que chega atrasado, descobre que foi enganado e se ira com Jacó. Com isso, Jacó tem que fugir para que seu irmão não o mate e Rebeca o envia a Padã-Arã para morar como o irmão dela, chamado Labão.

O PATRIARCA JACÓ

O patriarca Jacó (aquele que segura o calcanhar) foi um dos patriarcas do antigo testamento, segundo filho do casal Isaque e Rebeca, que saiu fugido da presença de Esaú seu irmão. Durante o trajeto de evasão, num lugar chamado Betel (anteriormente era Luz), Jacó fez um voto com Deus e disse: “*Se Deus for comigo, e me guardar nesta viagem*

que faço, e me der pão para comer, e vestes para vestir; e eu em paz tornar à casa de meu pai, o SENHOR me será por Deus; e esta pedra que tenho posto por coluna será casa de Deus; e de tudo quanto me deres certamente te darei o dízimo” (Gênesis 28: 20-22). Com essas palavras no coração, Jacó continua a sua viagem para encontrar o seu tio Labão.

Nas proximidades de Harã, na beira de um poço, ele encontra pela primeira vez aquela que iria ser uma de suas esposas, a preferida, a bela donzela Raquel que pastoreava as ovelhas de Labão. Nesse momento, Jacó beijou a moça, chorou, revelou que era sobrinho do seu pai, ou seja, seu primo. Raquel levou o rapaz para conhecer o pai dela. Na casa de Labão, Jacó fica um mês inteiro. Após esse tempo, o dono da casa convida o sobrinho para trabalhar com ele e pergunta qual o salário gostaria de receber. Jacó apaixonado por Raquel responde: *“Sete anos te servirei por Raquel, tua filha menor”* (Gênesis 29: 18).

Passado esse tempo, no dia do casamento, o seu sogro o engana e entrega Léia, a filha mais velha, em lugar da mais nova. Por essa atitude de Labão, Jacó fica chateado, mas o seu tio lhe dá também Raquel, antecipadamente, por mais sete anos de serviço. Então Jacó fica com as duas esposas e as duas concubinas. A serva de Léia era Zilpa e a escrava de Raquel era Bila.

Jacó teve 12 filhos e uma filha com essas quatro mulheres. A filha mais velha de Labão, chamada Léia foi a que mais teve filhos, no total sete, seis homens e uma mulher. Os filhos de Léia foram: Rubem, Simeão, Levi, Judá, Issacar, Zebulom e Diná. As servas deram quatro filhos ao patriarca, cada uma deu dois garotos. Bila deu à luz a Dã e Naftali e Zilpa pariu a Gade e Aser. Por fim, Deus resolve tornar Raquel fértil e lhe dar dois filhos, nos quais vem a falecer em decorrência do segundo parto. Os filhos de Raquel foram José e Benjamim.

Trabalhando com seu sogro, Jacó prosperou muito, tornando-se mais rico que seu patrão. De tal forma que Labão tentou mudar o salário do seu genro por dez vezes, mas Deus sempre era favorável ao

patriarca, fazendo-o se beneficiar no negócio aparentemente desfavorável. Finalmente, depois de 20 anos trabalhando com seu sogro, Jacó resolve deixá-lo levando consigo a sua família e todos os bens que adquiriu. Mas, isso não foi bom aos olhos de Labão, pois ele sabia que Deus o havia abençoado por causa de Jacó. Então, essa viagem em secreto (uma espécie de fuga) levou Labão a seguir viagem à procura da família fugitiva e quando a encontrou, disse: *“Estas filhas são minhas filhas, e estes filhos são meus filhos, e este rebanho é o meu rebanho, e tudo o que vês, é meu; e que farei hoje a estas minhas filhas, ou a seus filhos, que deram à luz? Agora, pois vem, e façamos aliança eu e tu, que seja por testemunho entre mim e ti”* (Gênesis 31: 43-44).

Depois de muita discussão, eles entraram em acordo e fizeram um pacto como registrado em Gênesis 31: 48-55: *“Então disse Labão: Este montão seja hoje por testemunha entre mim e ti. Por isso se lhe chamou Galeede, e Mispá, porquanto disse: Atente o SENHOR entre mim e ti, quando nós estivermos apartados um do outro. Se afigires as minhas filhas, e se tomares mulheres além das minhas filhas, ninguém está conosco; atenta que Deus é testemunha entre mim e ti. Disse mais Labão a Jacó: Eis aqui este mesmo montão, e eis aqui essa coluna que levantei entre mim e ti. Este montão seja testemunha, e esta coluna seja testemunha, que eu não passarei este montão a ti, e que tu não passarás este montão e esta coluna a mim, para mal. O Deus de Abraão, o Deus de Naor, o Deus de seu pai, julgue entre nós. E jurou Jacó pelo temor de seu pai Isaque. E ofereceu Jacó um sacrifício na montanha, e convidou seus irmãos, para comer pão; e comeram pão e passaram a noite na montanha. E levantou-se Labão pela manhã de madrugada, e beijou seus filhos e suas filhas e abençoou-os e partiu; e voltou Labão ao seu lugar”*.

Depois disso, Jacó segue com sua família de volta as suas origens, mas teria que enfrentar a fúria do seu irmão Esaú. No entanto, Deus abrandou o coração do irmão de Jacó para que o perdoasse. A reunião fraterna tinha tudo para dar em atrito e desavença, mas culminou com

uma cena emocionante de reconciliação entre irmãos: *“Então Esaú correu-lhe ao encontro, e abraçou-o, e lançou-se sobre o seu pescoço, e beijou-o; e choraram”* (Genesis 33: 4). Dessa forma, entendemos o plano de Deus na escolha de Jacó, mas sem deixar Esaú desamparado. Mesmo assim, em sua misericórdia, o fez prosperar, como é relatado no texto bíblico que Esaú possuía um exército de 400 homens, muito gado e bens. Esaú diz a Jacó quando ele o presenteou: *“Eu tenho bastante, meu irmão; seja para ti o que tens”* (Gênesis 33: 9).

O patriarca Jacó teve 12 filhos homens, que originaram as doze tribos. O reino do Norte, que era chamado de Israel, tinha sua capital na cidade de Samaria. O reino do sul, chamado Judá, tinha como sede a cidade de Jerusalém. O reino do norte possuía dez tribos e o reino do Sul tinha duas tribos. Essas tribos foram se formando após êxodo para o Egito e durante o cativeiro de 430 anos.

A razão que levou a migração de Jacó e sua família foi a grande fome que assolava a região onde viviam e o convite de José, que se tornará governador do Egito, após ter sido vendido a mercadores Ismaelitas, por seus irmãos por ciúmes e inveja. Nessa época, o patriarca Jacó já estava idoso e nos seus momentos finais reuniu os seus filhos para fazer um discurso, comentando sobre os comportamentos e abençoando os seus filhos. Então Jacó disse: *“Depois chamou Jacó a seus filhos, e disse: Ajuntai-vos, e anunciar-vos-ei o que vos há de acontecer nos dias vindouros; ajuntai-vos, e ouvi filhos de Jacó; e ouvi a Israel vosso pai”* (Genesis 49: 1-2).

Começa falando do primogênito, em seguida de Simeão e Levi: *“Rubem, tu és meu primogênito, minha força e o princípio de meu vigor, o mais excelente em alteza e o mais excelente em poder. Impetuoso como a água, não serás o mais excelente, porquanto subiste ao leito de teu pai. Então o contaminaste; subiu à minha cama. Simeão e Levi são irmãos; as suas espadas são instrumentos de violência. No seu secreto conselho não entre minha alma, com a sua congregação minha glória não se ajunte; porque*

no seu furor mataram homens, e na sua teima arrebataram bois. Maldito seja o seu furor, pois era forte, e a sua ira, pois era dura; eu os dividirei em Jacó, e os espalharei em Israel” (Genesis 49: 3-7).

E o patriarca continua seu discurso pré-fúnebre falando do eminente quarto filho: *“Judá, a ti te louvarão os teus irmãos; a tua mão será sobre o pescoço de teus inimigos; os filhos de teu pai a ti se inclinarão. Você é um leãozinho, da presa subiste, filho meu; encurva-se, e deita-se como um leão, e como um leão velho; quem o despertará? O cetro não se arredará de Judá, nem o legislador dentre seus pés, até que venha Siló; e a ele se congregarão os povos. Ele amarrará o seu jumentinho à vide, e o filho da sua jumenta à cepa mais excelente; ele lavará a sua roupa no vinho, e a sua capa em sangue de uvas. Os olhos serão vermelhos de vinho, e os dentes brancos de leite”* (Genesis 49: 8-12).

Segue falando: *“Zebulom habitará no porto dos mares, e será como porto dos navios, e o seu termo será para Sidom. Issacar é jumento de fortes ossos, deitado entre dois fardos. E viu ele que o descanso era bom, e que a terra era deliciosa e abaixou seu ombro para acarretar, e serviu debaixo de tributo. Dã julgará o seu povo, como uma das tribos de Israel. Você será serpente junto ao caminho, uma víbora junto à vereda, que morde os calcanhares do cavalo, e faz cair o seu cavaleiro por detrás. A tua salvação espero, ó SENHOR!”* (Genesis 49: 13-18).

Continua o seu discurso: *“Quanto a Gade, uma tropa o acometerá; mas ele a acometerá por fim. De Aser, o seu pão será gordo, e ele dará delícias reais. Naftali é uma gazela solta; ele dá palavras formosas. José é um ramo frutífero, ramo frutífero junto à fonte; seus ramos correm sobre o muro. Os flecheiros lhe deram amargura, e o flecharam e odiaram. O seu arco, porém, susteve-se no forte, e os braços de suas mãos foram fortalecidos pelas mãos do Valente de Jacó (de onde é o pastor e a pedra de Israel). Pelo Deus de teu pai, o qual te ajudará, e pelo Todo-Poderoso, o qual te abençoará com bênçãos dos altos céus, com bênçãos do abismo que está embaixo, com bênçãos dos seios e da madre. As bênçãos de teu pai excederão as bênçãos de meus pais, até à*

extremidade dos outeiros eternos; elas estarão sobre a cabeça de José, e sobre o alto da cabeça do que foi separado de seus irmãos” (Genesis 49: 19-26).

E finalmente termina falando no caçula: *“Benjamim é lobo que despedaça; pela manhã comerá a presa, e à tarde repartirá o despojo. Todas estas são as doze tribos de Israel; e isto é o que lhes falou seu pai quando os abençoou; a cada um deles abençoou segundo a sua bênção”* (Genesis 49: 27-28).

A FORMAÇÃO E A DECADÊNCIA DAS DOZE TRIBOS

Segundo Zabatiero (2006), a lista mais padronizada das “doze tribos” segue a descendência de Jacó em Gênesis 29-30: Rubem, Simeão, Levi, Judá, Issacar, Zebulom, Gade, Aser, José, Benjamim, Dã e Naftali. Como Levi não teria direito a terra, as doze tribos se completavam, em termos de distribuição da terra, com a divisão de “José” em Efraim e Manasses. Da lista de Juízes 5, estão ausentes as tribos do sul: Simeão e Judá, bem como a tribo de Levi (os sem-terra do Israel estatal). Por outro lado, Maquir, que não aparece nas listas padronizadas (mas aparece como filho de Manasses em Josué 13:31 etc.), substitui Manasses, enquanto Gileade substitui Gade. Parentesco e proximidade geográfica são elementos constitutivos da identidade étnica, mas aqui se ressalta primariamente a proximidade geográfica, ficando o elemento de parentesco em segundo plano.

As tribos ficaram durante muito tempo independentes, mas dois fatos históricos de grande relevância ocorreram. O primeiro deles foi a unificação das tribos processada pelo rei Davi (por volta dos anos 1.010 a 1.000 a. C.) e o segundo evento importante foi realizado pelo rei Salomão, que inspirado por Deus, construiu um grande templo para a adoração do povo. Esse lugar se tornou um centro espiritual de todas as tribos, na cidade de Jerusalém, servindo de elo simbólico de ligação

entre *Yahweh* e o povo eleito, a nação santa. Muito embora que com a morte de Salomão, o seu filho, o rei Roboão não conseguiu manter as doze tribos unidas, ocorreu um racha, ficando este monarca responsável pelas tribos do Sul e o rei Jeroboão responsável pelas tribos do Norte.

E permaneceu assim ao longo dos anos. O reino do Norte tinha dez tribos e a sua capital era a cidade de Samaria. O rei Jeroboão com medo que o reino voltasse à dinastia de Davi e que o povo descesse para adorar em Jerusalém se voltou para idolatria, pois mandou colocar bezerros de ouro nas cidades de Betel e Dã, altares idólatras foram construídos para adoração aos deuses pagãos e foram instituídos sacerdotes que não eram da tribo de Levi.

Depois, por volta dos anos de 732 a. C. o rei da Assíria Salmanasar V conquistou Israel e colocou o povo em baixo do jugo dos tributos, uma espécie de imposto individual pago por suas propriedades. Os Assírios eram conhecidos pela crueldade, espalhavam o terror aos povos que eles subjuguavam. Os sobreviventes das tribos do Norte foram espalhados pelos vários territórios Assírios, na intenção de evitar a organização para futuras rebeliões de resistência. O povo Samaritano se misturou com os outros povos e perdeu a sua identidade como nação.

O reino do sul, formado por Judá e Benjamim, teve Jerusalém como capital e apesar de ter tido alguns reis que faziam o que era reto diante do senhor, outros se desviaram e com isso, a liderança oscilou bastante, com muitos contrastes na família dos descendentes de Davi. Um exemplo dessa variação na liderança se tem o rei Acaz que foi um dos piores reis de Judá, que fez o que era mal aos olhos do Senhor, ao ponto de sacrificar o seu próprio filho em holocausto. Esse monarca demonstrou que não aprendeu nada com seu avô Azarias (Uzias) e seu pai Jotão que fizeram o que era reto aos olhos de Deus. Depois de Acaz, assumiu o trono das tribos do sul, o rei Ezequias que foi um dos melhores reis, reinou por quase trinta anos, destruiu os altos e ídolos da nação, ao ponto do escritor de *“Segundo aos Reis”* afirmar:

“nunca houve ninguém como ele entre todos os reis de Judá, nem antes nem depois” (2 Reis 18: 5).

Com a morte de Ezequias, assumiu o rei Manasses que foi considerado o pior rei de Judá, pois teve muitas atitudes repugnantes como a construção de altares idólatras a Baal, Aserá, Moloque e Camos, queimou seu próprio filho em sacrifício. Depois desse rei, assumiu o rei Amom e depois o rei Josias. O rei Josias fez o que era reto aos olhos do Senhor e promoveu uma grande reforma religiosa, pois convocou o povo ao templo e leu em voz alta todas as palavras do livro da aliança achado no templo. Após a leitura o rei fez um juramento de cumprir todos os mandamentos e assim fê-lo até o dia de sua morte, que foi por flechadas em confronto com o faraó Nego do Egito. O filho de Josias, Jeoacaz, foi capturado e levado cativo para o Egito e Jeoaquim foi colocado no poder. Com a morte de Jeoaquim, o seu filho Joaquim assume o poder em Judá. Zedequias foi o último de rei de Judá e foi nomeado por Nabucodonosor da Babilônia no lugar de Joaquim.

Mais a frente, em 586-587 a. C., Zedequias é deportado para Babilônia e Nebuzaradã invade Jerusalém e incendeia o templo do Senhor e todas as residências da cidade, além dos muros que foram totalmente derrubados e o povo foi levado cativo para o exílio. Todos os utensílios de metais preciosos foram levados para Babilônia.

Podemos afirmar que não havia redenção para aquele povo de Judá e que esse cativo Babilônico foi uma intervenção divina com propósito pedagógico. Esse cativo demorou cerca de 70 anos. Deus levantou um rei persa chamado Ciro que assinou um decreto libertando o povo, permitindo que voltasse a sua terra para reconstruir o templo e as outras habitações e levantasse a muralha da cidade que tinha sido derrubada. Ao contrário de Israel que teve sua população destruída ou misturada com outros povos, perdendo a identidade cultural e histórica, após a invasão dos Assírios, o povo de Judá teve a oportunidade de

voltar as suas origens após o cativeiro e aprender a lição de nunca se afastar de *Yahweh* para servir a outros deuses.

Baseado em textos bíblicos, em pesquisas bibliográficas, em artigos, em documentos e em livros teológicos e históricos, esse livro tem o objetivo de analisar a vida dos filhos de Jacó para buscar justificativas para a escolha de José e de Judá na sucessão do patriarcado e da primogenitura de Jacó.

CAPÍTULO 1
O PRIMOGÊNITO
DE JACÓ: RUBEM

“Tu és meu primogênito, minha força e o princípio de meu vigor, o mais excelente em alteza e o mais excelente em poder. Impetuoso como a água, não serás o mais excelente, porquanto subiste ao leito de teu pai. Então o contaminaste; subiu à minha cama” (Gênesis 49: 3-4).

Rubem foi o primogênito de Jacó com Leia, filha mais velha de Labão. Essa esposa de Jacó era preterida em relação à Raquel, a sua preferida e amada mulher. O significado hebraico do nome Rubem é eis aqui um filho. Esse significado era bem adequado, pois Raquel, a preferida, era estéril e Leia a rejeitada e fértil, mas podia dar muito filhos a Jacó. Essa era a segurança e o consolo dessa filha de Labão: Poder gerar muitos descendentes, numa cultura patriarcal baseada em família numerosa como sinal de poder e prestígio social, representava muito. Uma grande prole significava uma forte força de trabalho e isso era o consolo da pobre Leia.

A PRIMOGENITURA

Rubem foi o primeiro filho que Jacó e nos momentos finais de vida, o patriarca disse: *“Rubem, tu és meu primogênito, minha força e o princípio de meu vigor, o mais excelente em alteza e o mais excelente em poder. Impetuoso como a água, não serás o mais excelente, porquanto subiste ao leito de teu pai. Então o contaminaste; subiu à minha cama”* (Gênesis 49: 3-4).

Por ser o primogênito, Rubem era o herdeiro natural à primazia, o melhor do patriarcado e sobre isso, cinco dimensões devem ser consideradas: espiritual, religiosa, patrimonial, social e existencial. A dimensão espiritual se relacionava com a transmissão da bênção, da impreciação (não voltava a trás) da parte do pai para o filho na presença divina e em sintonia com a vontade de Yahweh. A dimensão religiosa estava relacionada à religião patriarcal e por isso, os primogênitos eram

consagrados ao Senhor. A dimensão patrimonial estava relacionada às propriedades e essas eram de Deus e que os filhos eram os mordomos se herdeiros das terras da família. A dimensão social tratava da escolha do líder sucessor de uma família. Mas para aquela época, uma das atribuições do líder era cuidar das tradições religiosas e servir como representante de Deus. A dimensão existencial dizia respeito à cultura Hebraica, na qual, o primogênito ou o substituto deste, tinha o dever de preservar o nome de seu ascendente (MORAES, 2011).

Para Moraes (2012), o direito de primogenitura era certos privilégios concedidos ao primeiro filho. Enquanto o pai estava vivo, o primogênito era o preferido dentre os irmãos. Quando o pai morria, recebia porção dobrada na herança e se tornava o chefe da família. O filho mais velho representava os demais irmãos diante de seu pai e recebia à primazia no tratamento, em outras palavras, às “reivindicações legais do filho mais velho”. Então, o primogênito era aquele que via primeiro a luz. Mas isso estava restrito ao gênero masculino, pois embora houvesse casos de mulheres mencionadas como nascidas em primeiro, como às filhas de Ló e as filhas de Labão: Lea e Raquel, respectivamente, em Gn 19.30-38 e 29.26, a primogenitura para os israelitas era referenciada somente aos homens, com a única distinção entre o fato de ser o primogênito do pai ou da mãe. Isto, provavelmente, levado pelo costume de poligamia, em que um marido poderia ter mais de uma esposa, e isso gerava muitos conflitos familiares como os ocorridos na família de Jacó.

O direito a primogenitura poderia ser transferido a um servo de confiança para herdar os bens de alguém que não tivesse filhos como visto em Gênesis 15: 2-3 ou o patriarca podia suspender a direito do primogênito natural e designá-lo para outro filho. Pois, naquela época, de forma autoritária, a decisão do pai era que prevalecia. Isso ocorreu com Rubem, quando adulterou com a serva de Raquel, a concubina Bila. Esse pecado grave não foi perdoado por Jacó, que por isso, deixou

de abençoar o seu primogênito como era esperado, dizendo que ele não seria o mais excelente entre os seus irmãos. De fato, os irmãos José e Judá foram mais abençoados e até Levi, por misericórdia de Deus, teve uma porção destacada entre as tribos, pois recebeu o privilégio do sacerdócio levita, o Senhor foi a herança deles. Dessa forma, Rubem foi um dos mais prejudicados nessa sucessão familiar.

A insignificância da tribo de Rubem foi tamanha que a mesma é pouco citada na história de Israel, além disso, nenhum líder militar, profeta juiz ou personalidade de projeção partiu dessa descendência. No entanto, esse filho de Jacó não foi excluído completamente de sua função espiritual e importância, já que em Apocalipse 7: 5 está escrito: *“Da tribo de Judá, havia doze mil assinalados; da tribo de Rubem, doze mil assinalados; da tribo de Gade, doze mil assinalados”*. Isso significa que todas as tribos serão representadas no apocalipse. Além disso, Jesus Cristo afirmou que os doze apóstolos sentarão em tronos para julgá-las, como está escrito em Mateus 19: 28: *“Em verdade vos digo que vós, que me seguistes, quando, na regeneração, o Filho do homem se assentar no trono da sua glória, também vos assentareis sobre doze tronos, para julgar as doze tribos de Israel”*.

Além do exemplo de Rubem, temos outros exemplos, nos quais a sucessão familiar foi transferida a filhos não primogênitos, como no caso de Abraão e do rei Davi, que deram os direitos a Isaque e a Salomão em vez de Ismael e Adonias (terceiro filho, o primogênito, já que Amnon havia sido assassinado), respectivamente. Essa decisão apesar de ser ilegal perante a lei teve aparentemente o consentimento de Deus. Nesse caso a lei retrata que: *“Quando um homem tiver duas mulheres, uma a quem ama e outra a quem despreza, e a amada e a desprezada lhe derem filhos, e o filho primogênito for da desprezada. Será que, no dia em que fizer herdar a seus filhos o que tiver, não poderá dar a primogenitura ao filho da amada, preferindo-o ao filho da desprezada, que é o primogênito. Mas ao filho da desprezada reconhecerá por primogênito, dando-lhe dobrada*

porção de tudo quanto tiver; porquanto aquele é o princípio da sua força, o direito da primogenitura é dele” (Deuteronômio 21: 15-17).

Abraão e Davi não fizeram interpretações legalistas da lei. No caso de Davi, foi uma promessa que ele havia feito a Bate-Seba de tornar Salomão rei. O rei Salomão foi o filho caçula de Bate-Seba com Davi. Antes dele nasceram: Amnon, Daniel, Absalão, Adonias, Sefatias, Itreão, Samua, Sobabe, Natã, e muitos outros filhos com suas esposas e concubinas (1º Crônicas 3: 1-9). Em relação à Isaque, foi o filho da promessa por parte de Deus a Abraão, já que Ismael era o filho da escrava e Isaque era o filho da mulher livre, Sara, a mãe de muitas nações.

Existem muitas passagens bíblicas nas quais o direito a primogenitura é quebrado com ou sem explicações no consentimento de Deus, que prefere um ao outro. No caso de Isaque que é escolhido no lugar de Ismael, Jacó no lugar de Esaú, José e Judá em detrimento a Rubem, Efraim em vez de Manasses, Davi em lugar de Eliab, Salomão em troca de Adonias. Em relação às escolhas paternas podemos imaginar que o merecimento do filho pelo comportamento, lealdade e respeito ao pai tem valor significativo, além das preferências variadas ou outras razões ocultas podiam estar associadas. No caso das escolhas de Deus, não podemos questionar, já que o Senhor não olha com a visão humana, não se baseia na aparência. Ele olha o coração, pesa a intenção de cada um e sabe do futuro. Com isso, percebemos que todas as escolhas foram Acertadas, porque a vontade de Deus prevaleceu e Ele sabia a razão de tudo.

O PATRIARCADO BÍBLICO

Rubem foi o primeiro filho de Jacó e por ser homem, poderia ter sido o patriarca da sucessão, pois na tradição judaica, os homens mais velhos têm direitos sobre os mais novos, mulheres e crianças, Nesse sentido, o patriarcado não designa somente o poder do pai, mas o poder dos homens, ou do masculino, enquanto categoria social. O patriarcado

é uma forma de organização social na qual as relações são regidas por dois princípios básicos: 1. As mulheres estão hierarquicamente subordinadas aos homens e 2. Os jovens estão hierarquicamente subordinados aos homens mais velhos (SCOTT, 1991).

Essa hegemonia masculina vem sendo perpetuada ao longo de toda história judaica e continua no Novo testamento, apesar de existirem movimentos de teologias feministas, que querem compreender melhor a desigualdade de gênero encontrada na história e hermenêutica dos textos bíblicos.

De fato, existe um claro direcionamento das escrituras para as figuras masculinas, mas o certo é que as mulheres sempre foram importantes na sociedade, no sentido de coajudadora dos homens e que sem o auxílio feminino, seria impossível a implantação de qualquer domínio ou liderança humana baseados na tradição familiar (Provérbio 31: 10-31). Então, aqui não está em jogo a disputa sobre quem manda mais, já que para Deus somos todos iguais. Mas sim, é importante destacar que nas relações sociais, interpessoais e espirituais, a liderança masculina seja compreendida e não imposta ou subjugada, pois quem ama, já que o amor é o indicador que nos faz conhecidos como discípulos de Cristo, sabe respeitar, não trata com menosprezo, exalta a ideia da cooperação e das decisões partilhadas entre os sexos.

A era patriarcal, diz respeito aos tradicionais patriarcas que foram Abraão, Isaque e Jacó. No sentido mais amplo, aos doze descendentes de Jacó, que encontraram nas figuras de José e Judá, os seus principais representantes, pois receberam as melhores bênçãos (Gênesis 49: 8-12 e Gênesis 49: 22-26).

A PERSONALIDADE IMPETUOSA

No texto de Gênesis 49, versículo 4, Jacó chama Rubem de impetuoso (inconstante) e o compara a água. No dicionário Michaelis,

impetuoso significa aquele que tem ímpeto; que age sob o impulso do momento; tumultuoso; que é forte ou enérgico em um movimento, ação ou situação; que se irrita por qualquer motivo; enfezado, genioso, irascível, irritadiço, vulcânico. Já inconstante se refere aquele que não é ou não se mantém constante; alterável, mutável, volúvel; que não é certo ou garantido; incerto, passageiro; que não é fiel; infiel, leviano.

Mas por que Jacó comparou Rubem à água? Para responder a essa pergunta vamos analisar algumas características da água. A água é a vida líquida. Esse recurso natural é salutar e indispensável à vida, pois sem ela qualquer ser vivo não sobrevive. A água tem força para abrir espaços em rochas, é turbulenta nos rios e cachoeiras e quando aquecida entra em ebulição, efervescência, por isso é instável. Diante disso, passamos a entender o porquê da comparação do patriarca Jacó com a água. Ou seja, Rubem agiu sem pensar, com o vigor da juventude, com a força hormonal e o desejo carnal, não teve o autocontrole e com isso, pagou um alto preço, a perda da primazia de Jacó, o direito da primogenitura e do patriarcado.

Analisando a personalidade de Rubem pela descrição de Jacó, que o chama de impetuoso, podemos suspeitar que esse filho pudesse ser classificado como colérico, já que essa personalidade se caracteriza por impulsividade e rapidez no agir. Galeno classificou quatro tipos de temperamento que são: 1) tipo sanguíneo, caracterizado por indivíduos atléticos, vigorosos, mas com ações equilibradas; 2) tipo colérico, indivíduos facilmente irritáveis, instáveis e impulsivos com reações desequilibradas; 3) tipo melancólico, indivíduos tristes; e 4) tipo fleumático, indivíduos cronicamente cansados e lentos em seus movimentos (ITO; GUZZO, 2002).

Para Glas (2013), o colérico sempre corre o risco de não poder dominar o próprio temperamento e de ser levado a praticar atos dos quais vem a se arrepender em seguida. O temperamento colérico ajuda muito pessoas de vontade, de determinação. Não é de se estranhar que

os guerreiros mais famosos das frentes de batalha fossem de temperamento colérico. É o calor da sua vontade que conduz o exército, desde Alexandre o Grande até Napoleão, que é um exemplo típico do colérico. A aptidão de se exteriorizar, como personalidade, para o bem ou para o mal, é uma característica do temperamento colérico, que corre também o perigo de adoecer, caso a individualidade não consiga dominar o temperamento e arraste a pessoa a atitudes instintivas irrefreáveis.

A TRANSGRESSÃO SEXUAL

“E aconteceu que, habitando Israel naquela terra, foi Rubem e deitou-se com Bila, concubina de seu pai; e Israel o soube. E eram doze os filhos de Jacó” (Gênesis 35: 22).

Rubem, por ser o primeiro filho, perdeu os direitos legais quando cometeu uma transgressão sexual, uma espécie de afronta à intimidade sexual de Jacó. Um pecado grave que não foi esquecido pelo patriarca no momento da sua morte. As consequências desse delito anularam o direito de nascença, que foram dados a José e a Judá, como está escrito em I Crônicas 5: 1-2: *“Quanto aos filhos de Rubem, o primogênito de Israel (pois ele era o primogênito; mas porque profanara a cama de seu pai, deu-se a sua primogenitura aos filhos de José, filho de Israel; de modo que não foi contado, na genealogia da primogenitura, porque Judá foi poderoso entre seus irmãos, e dele veio o soberano; porém a primogenitura foi de José)”*.

No caso de Rubem, o vigor físico da juventude e a libido desenfreada não foram controlados pelo superego (consciência moral ou autocensura), fazendo-o agir no calor no momento, o fogo da atração foi irresistível, tão forte que superou o temor das consequências advindas. Não se sabe se o primogênito de Jacó continuou tendo relações com a concubina Bila ou se teve mais de uma relação. Mas uma vez consumado o pecado, não podia se apagado ou esquecido. Foi um ato de adultério cometido contra o seu pai, que mesmo sendo

uma vez ou por pensar que seu pai não se relacionava mais com ela, ele poderia possuir a serva.

Mais à frente, Absalão o filho do rei Davi também se relacionou com as concubinas do seu pai quando tentou usurpar o trono de forma violenta. Absalão foi o terceiro filho de Davi com Maaca que era filha do rei de Gesur, chamado Talmai. Esse filho de Davi mandou matar o seu irmão Amnon por ter abusado sexualmente e humilhado a sua formosa irmã Tamar. Depois para não ser castigado, fugiu e passou três anos em Gesur. Depois ele voltou e se encontrou com rei Davi. A bíblia registra que não havia, porém, em todo o Israel homem tão belo e tão aprazível como Absalão; desde a planta do pé até à cabeça não havia nele defeito algum. (II Samuel 14: 25). Mas ele era ambicioso e começou a conquistar o povo, ouvindo as suas necessidades até que enfim, toma o trono e coloca o rei Davi em fuga. Na bíblia registra que Aitofel aconselha Absalão: *“Possui as concubinas de teu pai, que deixou para guardarem a casa; e assim todo o Israel ouvirá que te fizeste aborrecível para com teu pai; e se fortalecerão as mãos de todos os que estão contigo. Estenderam, pois, para Absalão uma tenda no terraço; e Absalão possuiu as concubinas de seu pai, perante os olhos de todo o Israel”* (II Samuel 16: 21-22). Depois que Davi reconquista o trono, com a morte do seu filho rebelde, ele não volta a ter relações sexuais com aquelas concubinas.

Com isso podemos compreender que Deus valoriza a pureza sexual. Já que as perversões sexuais, incestos, promiscuidades, adulterios, fornicções e homossexualidade eram práticas atribuídas aos povos pagãos da época de Jacó. No caso dos egípcios, existia a crença que os deuses faziam amor e sexo, sentiam prazer na procriação. Esse sentimento e o desejo pelo sexo era um dos vários elos que ligava estas divindades ao homem que vivia na antiguidade egípcia. Os deuses egípcios se diferenciavam do Deus Cristão, não apenas pelo ato de fazerem sexo, mas também pelo prazer que demonstravam na ação da

criação. Ou seja, na cosmogonia egípcia alguns deuses e os humanos formam criados pela mesma origem que era o ato sexual (SILVA, 2020).

Nesse caso, pode-se suspeitar que Rubem tivesse sido influenciado pelos povos com que conviveu, pois não se justifica que diante de tantas mulheres disponíveis na sua época, jovens e belas, que o desejavam por ser o primeiro de Jacó, ele tenha escolhido justamente a serva Bila, concubina de seu pai.

Mais à frente, na época do apóstolo Paulo ele advertiu sobre os perigos daquilo que era conhecido pelo termo grego *porneia* (πορνεία). A preocupação de Paulo em relação ao perigo emergente da *porneia* na vida dos seus convertidos se atesta no fato de que, das sete listas de vícios em Paulo, a imoralidade sexual aparece em cinco, figurando o primeiro lugar. O termo *porneia* e seus cognatos abarcam muitos conceitos no âmbito da sexualidade e seus desvios. A *porneia* pode ser impureza, imoralidade sexual, qualquer tipo de relação sexual ilícita, sendo também sinônimo de adultério (AQUINO, 2011).

Nesse caso, devemos ficar atentos às artimanhas de Satanás quando coloca o desejo sexual ilícito em nosso coração. Sobre isso o apóstolo Paulo nos adverte: *“Todas as coisas me são lícitas, mas nem todas as coisas convêm. Todas as coisas me são lícitas, mas eu não me deixarei dominar por nenhuma. Os alimentos são para o estômago e o estômago para os alimentos; Deus, porém, aniquilará tanto um como os outros. Mas o corpo não é para a prostituição, senão para o Senhor, e o Senhor para o corpo. Ora, Deus, que também ressuscitou o Senhor, nos ressuscitará a nós pelo seu poder. Não sabeis vós que os vossos corpos são membros de Cristo? Tomarei, pois, os membros de Cristo, e fá-los-ei membros de uma meretriz? Não, por certo. Ou não sabeis que o que se ajunta com a meretriz, faz-se um corpo com ela? Porque serão dois numa só carne. Mas o que se ajunta com o Senhor é um mesmo espírito. Fugi da prostituição. Todo o pecado que o homem comete é fora do corpo; mas o que se prostitui peca contra o seu próprio corpo. Ou não sabeis que o vosso corpo é o templo do Espírito Santo, que habita em vós,*

proveniente de Deus, e que não sois de vós mesmos? Porque fostes comprados por bom preço; glorificai, pois, a Deus no vosso corpo, e no vosso espírito, os quais pertencem a Deus” (I Coríntios 6: 12-20). Então foi esse engodo que seduziu Rubem, levando a pecar para dentro do seu próprio corpo, esquecendo-se que ele era coluna de Deus, já que a necessidade carnal, a concupiscência da carne e a concupiscência dos olhos sobrepujaram o temor da transgressão contra seu próprio Pai. Que venhamos a ficar atentos a esse pecado e pedir forças a Deus para resisti-lo.

O VALOR DE RUBEM

Apesar da transgressão sexual de Rubem e de sua personalidade impetuosa, esse filho de Jacó tinha algumas boas virtudes. Entre essas, o carinho e cuidado que demonstrou com sua mãe, a liderança para evitar que seus irmãos matassem José e também se responsabilizou nos cuidados do irmão caçula, Benjamim, na viagem para o Egito. Sobre esses fatos que ocorreram, quero tecer alguns comentários.

DEMONSTROU CARINHO E CUIDADO COM LÉIA

“E foi Rubem nos dias da ceifa do trigo, e achou mandrágoras no campo. E trouxe-as a Léia sua mãe. Então disse Raquel a Léia: Ora dá-me das mandrágoras de teu filho” (Gênesis 30: 14).

Conta-se no texto bíblico que Rubem trouxe as mandrágoras que tinha colhido do campo para dá-las a sua mãe e que Raquel, irmã de Léia, pediu que lhes desse algumas. Na cultura antiga essa fruta cor de laranja tinha ação de afrodisíaco, uma espécie de catuaba para os dias de hoje. Esse pedido de Raquel foi uma espécie de tentativa na esperança de engravidar, pois ignorava o fato que era Deus quem permite a concepção de filhos. Esse pedido de Raquel serviu de moeda de troca para que Léia se deitasse com Jacó naquela noite. E aconteceu

conforme combinado. Léia teve relações com Jacó e veio a engravidar e dar à luz a mais uma criança, nesse caso, o seu quinto filho, que o chamou de Issacar (Genesis 30: 14-18).

Não se sabe se Rubem trouxe as frutinhas para Léia a pedido dela ou espontaneamente. O que se percebe é uma atitude de obediência ou de gentileza para com a mãe. Sabe-se que esse filho de Jacó estaria na idade da infância, entre cinco e sete anos, já que tinham nascido sete irmãos seus, e nessa idade as crianças costumam demonstrar que amam a sua genitora, dando-lhe presentes singelos e sinceros como frutinhas, flores coloridas colhidas nos jardins dos vizinhos, cartinhas de amor, desenhos, declarações verbais ou escritas de amor com: “eu te amo”, “você é a melhor mãe do mundo”, além dos constantes beijos e abraços para completar o afeto. Rubem era um menino que seguia o desenvolvimento psicológico normal da sua idade e isso pode ser visto como demonstração de sentimento romântico e gentil.

CONTROLOU SEUS IRMÃOS PARA QUE ELES NÃO MATASSEM JOSÉ

“E ouvindo-o Rubem, livrou-o das suas mãos, e disse: Não lhe tiremos a vida” (Gênesis 37: 21).

“Também lhes disse Rubem: Não derrameis sangue; lançai-o nesta cova, que está no deserto, e não lanceis mãos nele; isto disse para livrá-lo das mãos deles e para torná-lo a seu pai” (Gênesis 37: 22).

“Voltando, pois, Rubem à cova, eis que José não estava na cova; então rasgou as suas vestes” (Gênesis 37: 29).

“E Rubem respondeu-lhes, dizendo: Não dizia eu a você: Não pequeis contra o menino; mas não ouvistes; e vedes aqui, o seu sangue também é requerido” (Gênesis 42: 22).

Como podemos observar nos textos citados, Rubem não foi conivente com a venda de José como escravo e que ele queria devolvê-lo a

Jacó. Mas, os seus irmãos em maior número, não o atenderam, mas se desfizeram de José, vendendo-o a mercadores Ismaelitas que vinham de Gileade e iam em direção ao Egito. Esse fato aparentemente negativo teve um desfecho espetacular, já que José progrediu de escravo a governador do Egito. Isso fazia parte dos planos de Deus para que a descendência de Jacó fosse preservada, principalmente durante os sete duros anos de fome e miséria que havia de suceder naquela região.

Rubem agiu como um pacificador, já que como o irmão mais velho, pesava-lhe a responsabilidade por seus irmãos mais novos. Ele sabia que seu pai, antes de tudo, iria cobrá-lo ou culpá-lo pelas consequências da atitude violenta e negativa que seus irmãos estavam especulando e planejando de forma estratégica. Sobre isso falou Jesus Cristo, no sermão da montanha: *“Bem-aventurados os pacificadores, porque eles serão chamados filhos de Deus”* (Mateus 5: 9). Nesse caso, Deus é o pacificador supremo e nós, como seus servos, temos que aprender a reconciliar, pacificar, saber perdoar, aprender a tolerar e suportar em amor o nosso próximo (Efésios 4: 2).

José era tagarela, contava as vantagens dos seus sonhos, inconsciente ou não, mostrava-se superior aos seus irmãos e aos seus pais. Também denunciava ao seu pai o comportamento negativo dos seus irmãos, o que de certa forma soava mal no entendimento deles. Isso foi tido como afronta que precisava ser punida. A pena que José deveria sofrer era a morte, sob a ótica da maioria dos irmãos, exceto Judá que deu a alternativa de vender José aos mercadores. Nesse momento entra a importante intervenção de Rubem que não só pretendia evitar que José morresse, mas também, queria devolvê-lo ao seu pai em segurança. Em parte, a sua atitude teve êxito, já que José não foi assassinado, apesar de não ter conseguido entregar o irmão ao seu pai como pretendia e este foi vendido como escravo. Por conta disso, tiveram que inventar a mentira da morte de José por um animal selvagem, sendo esse falso pacto mantido por eles por muitos anos.

Outro fato semelhante de pacificação aconteceu com Davi que após a morte de Samuel se dirigiu ao deserto de Parã, fugindo da perseguição feita pelo rei Saul e no caminho, em Maom mandou pedir ajuda a um homem chamado Nabal, mas esse se recusou dizendo: *“Quem é Davi, e quem é o filho de Jessé? Muitos servos há hoje, que fogem ao seu senhor. Tomar-me-ia, pois, o meu pão, e a minha água, e a carne das minhas reses que degolei para os meus tosquiadores, e o daria a homens que eu não sei donde vêm?”* (I Samuel 25: 10-11).

Essa desfeita quase custou à vida de toda sua casa se não tivesse a intervenção de uma mulher sábia, formosa e pacificadora chamada Abigail, esposa desse homem mesquinho, que ficou sabendo do episódio e logo mandou suprimentos para Davi e lhe pediu perdão pela atitude irracional do seu avarento marido. Depois disso, na manhã seguinte quando o marido estava sóbrio do vinho, a mulher disse a ele que Davi estava pronto para acabar com toda sua família, mas que ela evitou com uma atitude prudente. Ao ouvi isso, o duro Nabal ficou inerte, provavelmente teve um Acidente Vascular Cerebral (AVC) e após dez dias faleceu. Depois da morte desse homem, Davi tomou Abigail como esposa (I Samuel 25: 1-42).

ASSUMIU A RESPONSABILIDADE NA VIAGEM DE BENJAMIM PARA O EGITO

“Mas Rubem falou a seu pai, dizendo: Mata os meus dois filhos, se eu não tornar a trazê-lo para ti; entrega-o em minha mão, e tornarei a trazê-lo” (Gênesis 42: 37).

Esse episódio ocorreu após a volta dos filhos de Jacó do Egito e que os mesmos tinham sido reconhecidos por José, mas eles não o reconheceram. Então o governador do Egito, que era José, os acusou de serem espias, prendeu Simeão e ordenou que eles trouxessem o irmão caçula para provar que a história que eles contavam era verdadeira.

Como filho mais velho, Rubem assumiu o importante papel de liderança e isso contribuiu na liberação de Benjamim para viajar sob a tutela dos outros filhos e principalmente, na responsabilidade dele.

A DESCENDÊNCIA DE RUBEM

Rubem teve um grande número de descendentes: *“E os filhos de Rubem foram: Enoque, Palu, Hezrom e Carmi”* (Gênesis 46: 9).

A bíblia relata que os filhos de Rubem foram: Enoque, Palu, Hezrom e Carmi. Está escrito também que esses filhos, deram descendentes para ele como está no livro de Números: *“Foram, pois, os filhos de Rubem, o primogênito de Israel, as suas gerações, pelas suas famílias, segundo a casa de seus pais, pelo número dos nomes, cabeça por cabeça, todo o homem de vinte anos para cima, todos os que podiam sair à guerra. Foram contados deles, da tribo de Rubem, quarenta e seis mil e quinhentos”* (Números 1: 20-21).

CAPÍTULO 2
**O SEGUNDO FILHO
DE LÉIA: SIMEÃO**

“Simeão e Levi são irmãos; as suas espadas são instrumentos de violência. No seu secreto conselho não entre minha alma, com a sua congregação minha glória não se ajunte; porque no seu furor mataram homens, e na sua teima arrebataram bois. Maldito seja o seu furor, pois era forte, e a sua ira, pois era dura; eu os dividirei em Jacó, e os espalharei em Israel” (Genesis 49: 5-7).

Simeão foi o segundo filho que Leia teve com Jacó. O significado hebraico do seu nome é ouvido. Realmente Deus ouvia o clamor de Leia e a consolou dando-lhe mais um filho.

A TRAIÇÃO DE SIMEÃO E LEVI

Por ser o segundo descendente de Jacó, era de se esperar que esse assumisse uma atitude de liderança positiva com Rubem, no entanto, participou duma facção violenta com seu irmão Levi, mancomunou ação condenável e cruel que resultou na morte de muitas pessoas para vingar a honra de sua irmã Diná, como registrada em Gênesis 34: 25: *“E aconteceu que, ao terceiro dia, quando estavam com a mais violenta dor, os dois filhos de Jacó, Simeão e Levi, irmãos de Diná, tomaram cada um à sua espada, e entraram afoitamente na cidade, e mataram todos os homens”.*

A bíblia relata que Diná saiu sozinha para observar a cidade e Siquém, filho de Hamor, Heveu, deitou-se com ela e a humilhou. Mas depois se arrependeu do ocorrido e desejou tê-la como mulher, declarou-se para moça e pediu que seu pai a pedisse a Jacó. Quando seu pai contou a Jacó e a família o ocorrido, todos ficaram irados. Mas Hamor falou que seu filho estava apaixonado por Diná e que a queria como esposa. O rei continuou fazendo uma proposta para que eles tomassem moças da cidade como esposas e que podiam comercializar seus produtos na cidade.

Os filhos de Jacó disseram que não podiam fazer acordo com eles, porque eram incircuncisos e isso era uma vergonha para eles. Então propuseram que eles fossem circuncidados para que pudessem fazer o acordo. O rei e o príncipe falaram com os varões da cidade: *“Estes homens são pacíficos conosco; portanto habitarão nesta terra, e negociarão nela; eis que a terra é larga de espaço para eles; tomaremos as suas filhas por mulheres, e lhes daremos as nossas filhas. Nisto, porém, consentirão aqueles homens, em habitar conosco, para que sejamos um povo, se todo o homem entre nós se circuncidar como eles são circuncidados”* (Gênesis 34: 21-22).

Todos aceitaram ser circuncidados e quando estavam em repouso, com muita dor ao terceiro dia após a realização do procedimento de fimose (postectomia), Simeão e Levi tomaram as suas espadas, mataram todos os varões da cidade e tomaram Diná da casa de Siquém. Depois saquearam a cidade, roubaram os animais e os produtos do campo, levaram presas as mulheres e as crianças. Por conta disso ocorreu o diálogo entre Jacó e os dois irmãos: *“Tendes-me turbado, fazendo-me cheirar mal entre os moradores desta terra, entre os cananeus e perizeus; tendo eu pouco povo em número, eles ajuntar-se-ão, e serei destruído, eu e minha casa. E eles disseram: Devia ele tratar a nossa irmã como a uma prostituta?”*.

Todos concordam que Siquém não agiu corretamente, pois estuprou e humilhou Diná filha de Jacó. Mas o rapaz se arrependeu e resolveu reparar seu ato inconsequente que fez com a moça, propondo-lhe casamento. No entanto, os dois filhos de Jacó agiram como juizes e assinaram a sentença de morte. Um violento ato que não reparou o ocorrido, mas o tornou em triste lembrança de crueldade, vingança e falta de perdão. Mais à frente Moises orientado por Deus, na instituição dos dez mandamentos, definiu: *“Não matarás”* (Êxodo 20: 13). No novo pacto Jesus Cristo afirmou: *“Porque, se perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai celestial vos perdoará a vós”* (Mateus 6: 14).

A consequência dessa atitude condenável foi sentida na tribo de Simeão, pois se tornou a menor no censo realizado por Moisés em números 26: 14. Também na bênção proferida por Moisés em Deuteronômio 33: 8 teve a omissão do nome dos seus descendentes, mas depois foi incorporada ao território com Judá com está relatado em Josué 19: 1-19. O pecado desses dois irmãos prejudicou muitas pessoas e por isso, Jacó temia a vingança por parte de parentes e dos povos ao redor, mesmo porque, sua família era em pequeno número para se defender, como está registrado em Gênesis 34: 30: *“Então disse Jacó a Simeão e a Levi: Tendes-me turbado, fazendo-me cheirar mal entre os moradores desta terra, entre os cananeus e perizeus; tendo eu pouco povo em número, eles ajuntar-se-ão, e serei destruído, eu e minha casa”*.

A PRISÃO DE SIMEÃO

Durante a primeira viagem para o Egito, os irmãos de José foram acusados por ele de serem espias, mas eles negaram e disseram que tinham um irmão caçula. Então, José propôs que para provar a inocência, eles teriam que trazer o irmão mais novo ao Egito. Enquanto isso, até que os irmãos retornassem, eles teriam que deixar Simeão como refém. Como está escrito: *“E retirou-se deles e chorou. Depois tornou a eles, e falou-lhes, e tomou a Simeão dentre eles, e amarrou-o perante os seus olhos”* (Gênesis 42: 24).

Essa escolha não foi por acaso, ele não escolheu Rubem, pois esse irmão não concordou com os outros. Ele escolheu Simeão como representante daqueles que o fizeram mal, talvez um dos que mais o prejudicou. José estava emocionado e não queria vingança, queria apenas dar uma lição àqueles maus irmãos. Simeão foi bem tratado no cativoiro, mas José ainda não revelou a sua identidade.

Quando Jacó soube que Simeão estava preso no Egito ficou temeroso, pois já tinha perdido José e ainda estava prestes a perder mais

um, Benjamim, como registrado em Gênesis 42: 36: *“Então Jacó, seu pai, disse-lhes: Tendes-me desfilhado; José já não existe e Simeão não está aqui; agora levareis a Benjamim. Todas estas coisas vieram sobre mim”*. Nesse trecho é perceptível a saudade que Jacó tinha de José e o amor que ele tinha por todos os seus filhos, pois queria preservá-los em vida para que sua descendência continuasse a ser perpetuada como uma grande nação. Também Benjamim, por ser o caçula, não participou da primeira viagem ao Egito em busca de mantimentos. O filho mais novo geralmente é o mais protegido, significava a semente na velhice e que com o nascimento dele, a sua amada Raquel veio a falecer por complicações no parto, ele trazia lembranças.

No retorno dos filhos de Jacó ao Egito estava entre eles o mais novo, Benjamim e esse retorno foi emocionante já que foi o momento que José se revelou aos irmãos. O cenário foi regado a abraços, choros e temores. Simeão foi liberto são e salvo como está registrado em Gênesis 46: 10: *“E disse José: Paz seja convosco, não temais; o vosso Deus, e o Deus de vosso pai, vos tem dado um tesouro nos vossos sacos; o vosso dinheiro me chegou a mim. E trouxe-lhes fora a Simeão”*.

OS DESCENDENTES DE SIMEÃO

Apesar da tribo de Simeão ter sido a menor, Deus em sua imensa misericórdia permitiu que seus filhos gerassem descendentes. Os filhos de Simeão foram: *“Jemuel, Jamim, Oade, Jaquim, Zoar e Saul, filho de uma mulher Cananéia”* (Gênesis 46: 10). Como podemos ver, Simeão teve um filho chamado Saul, com uma mulher Cananéia. Esse fato não era desejado por Deus, pois para o Senhor ele deveria gerar filhos entre o seu povo. O fato de uma união com um povo pagão poderia significar convivência com seus hábitos, já que essas pessoas tinham práticas detestáveis e abomináveis, como o politeísmo e sacrifícios humanos.

CAPÍTULO 3
O TERCEIRO FILHO
DE LÉIA: LEVI

“Simeão e Levi são irmãos; as suas espadas são instrumentos de violência. No seu secreto conselho não entre minha alma, com a sua congregação minha glória não se ajunte; porque no seu furor mataram homens, e na sua teima arrebataram bois. Maldito seja o seu furor, pois era forte, e a sua ira, pois era dura; eu os dividirei em Jacó, e os espalharei em Israel” (Genesis 49: 5-7).

Levi foi o terceiro filho que Leia deu a Jacó. O significado hebraico do seu nome é unido ou ligado. Levi cresceu muito ligado a Simeão, de tal forma que agiu conjuntamente, no episódio da invasão a cidade de Siquém, com o extermínio dos moradores. Esse fato será abordado com detalhes nesse livro.

Também os levitas não receberam herança do Senhor, pois Deus era a sua porção. As outras tribos sustentavam os levitas e esses estavam presentes em todas elas para realizar o sacerdócio levita.

A TRAIÇÃO DE SIMEÃO E LEVI

“E aconteceu que, ao terceiro dia, quando estavam com a mais violenta dor, os dois filhos de Jacó, Simeão e Levi, irmãos de Diná, tomaram cada um à sua espada, e entraram afoitamente na cidade, e mataram todos os homens” (Gênesis 34: 25).

Levi foi um dos valentes que resolveu lavar a honra de sua irmã com sangue. Aliado ao seu irmão Simeão arrasaram a espada os varões da cidade do Heveu, Hamor e seu filho, Siquém. Narra o texto bíblico que o motivo foi por causa de Siquém que teria estuprado e humilhado Diná, a irmã dele. Esse triste episódio não foi esquecido pelo patriarca, já que Jacó fez menção do ocorrido quando estava prestes a morrer. Também pode ter sido a razão pelo qual Deus dispersou essa tribo como está Gênesis 49:7: *“Maldito seja o seu furor, pois era*

forte, e a sua ira, pois era dura; eu os dividirei em Jacó, e os espalharei em Israel". Esse episódio é abordado com mais detalhes no capítulo que fala sobre Simeão.

LEVI FOI CONIVENTE COM A VENDA DE JOSÉ COMO ESCRAVO

"E enviaram a túnica de várias cores, mandando levá-la a seu pai, e disseram: Temos achado esta túnica; conhece agora se esta será ou não a túnica de teu filho. E conheceu-a, e disse: É a túnica de meu filho; uma fera o comeu; certamente José foi despedaçado" (Gênesis 37: 32-33).

A bíblia relata, em Gênesis 37, o episódio da venda de José para mercadores Ismaelitas que o levaram para o Egito. Levi foi um dos que participou dessa injustiça e mancomunado com seus irmãos, mentiu para Jacó sobre o paradeiro e ainda colaborou na simulação da morte do seu irmão. O pacto de mentira estabelecido pelos irmãos foi tão convincente ao ponto de enganar o pai. Mais à frente, Jacó se decepcionou ainda mais como os seus filhos, quando descobriu a verdade e ao mesmo tempo não acreditou a princípio e se alegrou, porque soube que José vivia e era poderoso no Egito, como está em Gênesis 45: 26-28: *"Então lhes anunciaram, dizendo: José ainda vive, e ele também é regente em toda a terra do Egito. E o seu coração desmaiou, porque não os acreditava. Porém, havendo-lhes contado todas as palavras de José, que ele lhes falara, e vendo ele os carros que José enviara para levá-lo, reviveu o espírito de Jacó seu pai"*.

AS MISERICÓRDIAS DE DEUS NA VIDA DOS DESCENDENTES DE LEVI

"No mesmo tempo o Senhor separou a tribo de Levi, para levar a arca da aliança, para estar diante dEle, para servi-lo, e para abençoar em seu nome até ao dia de hoje" (Deuteronômio 10: 8).

Deus, em sua imensa bondade, contemplou os levitas com uma função nobre de ser a tribo sacerdotal, por isso, ela não recebeu heranças entre os filhos como está escrito: *“Mas os levitas, segundo a tribo de seus pais, não foram contados entre ele”* (Números 1: 47). Ainda em Deuteronômio 10: 9 está registrado: *“Por isso Levi não tem parte nem herança com seus irmãos; o Senhor é a sua herança, como o Senhor teu Deus lhe tem falado”*. De fato, essa tribo não recebeu terras, mas recebeu o Senhor como herança. Sendo assim, existe algo melhor para herdar de Deus, a sua presença? Nesse caso, essa tribo foi uma das mais abençoadas de Jacó, mas não teve o direito à primogenitura nem ao patriarcado. A escolha dessa tribo não se deu por merecimento, mas pela graça de Deus, de sua imanência e talvez a preocupação em restaurar o ato de violência na raiz dessa descendência, com a imensa misericórdia divina.

AS FUNÇÕES DOS LEVITAS

Os levitas foram encarregados de uma ampla função como: porteiros, guardas, cantores, músicos, administradores, professores da lei. Esses foram descendentes de Arão, que era da tribo de Levi e eram mantidos pelas ofertas das outras tribos como está escrito em Números 18: 24: *“Porque os dizimos dos filhos de Israel, que oferecerem ao Senhor em oferta alçada, tenho dado por herança aos levitas; porquanto eu lhes disse: No meio dos filhos de Israel nenhuma herança terá”*. Sobre as funções dos descendentes de Levi quero detalhar em seguida.

MÚSICOS, CANTORES E LÍDERES DE LOUVOR

“E disse Davi aos chefes dos levitas que constituíssem, de seus irmãos, cantores, para que com instrumentos musicais, com alaúdes, harpas e címbalos, se fizessem ouvir, levantando a voz com alegria” (I Crônicas 15: 16).

Essa era uma das funções mais nobres dessa tribo, pois era responsável pelo culto a Deus. Que atribuição maravilhosa ser instrumento de bênção e de condução na adoração a Deus. Os levitas se dedicavam a prática de instrumentos musicais do estudo da lei para que o povo pudesse prestar uma verdadeira adoração racional ao Senhor, por tudo que Ele era e significava àquele povo. Muitas vezes eles sentiam a presença real de Deus como em II Crônicas 5: 12-14: *“E os levitas, que eram cantores, todos eles, de Asafe, de Hemã, de Jedutum, de seus filhos e de seus irmãos, vestidos de linho fino, com címbalos, com saltérios e com harpas, estavam em pé para o oriente do altar; e com eles até cento e vinte sacerdotes, que tocavam as trombetas). E aconteceu que, quando eles uniformemente tocavam as trombetas, e cantavam, para fazerem ouvir uma só voz, bendizendo e louvando ao Senhor; e levantando eles a voz com trombetas, címbalos, e outros instrumentos musicais, e louvando ao Senhor, dizendo: Porque ele é bom, porque a sua benignidade dura para sempre, então a casa se encheu de uma nuvem, a saber, a casa do Senhor e os sacerdotes não podiam permanecer em pé, para ministrar, por causa da nuvem; porque a glória do SENHOR encheu a casa de Deus”*.

Será que existem levitas hoje? A resposta é sim, mas eles são os descendentes de Levi, que habitam em Israel, apesar de não desempenharem a totalidade das funções, já que o templo não existe mais. Então, não é correto chamar os cantores e músicos das igrejas cristãs de levitas? O motivo está nas origens etimológica e histórica do termo e porque os levitas eram guardas, porteiros, zeladores, ou seja, eram responsáveis pelos cultos e encarregados na manutenção do templo, não apenas as atividades musicais. Nesse caso, os nossos jovens cantores e músicos da atualidade não poderiam se chamar levitas. Outro fato interessante é que Jesus era da tribo de Judá e quem é seguidor de Cristo, não pode ser identificado espiritualmente com outra tribo, pois somos servos do Leão de Judá.

PORTEIROS E GUARDAS

“Também, conforme a ordem de Davi seu pai, designou as turmas dos sacerdotes para seus ministérios, como também as dos levitas Acerca dos seus cargos, para louvarem e ministrarem diante dos sacerdotes, segundo o que estava ordenado para cada dia, e os porteiros pelas suas turmas a cada porta; porque assim tinha mandado Davi, o homem de Deus” (II Crônicas 8: 14).

“Isto é o que haveis de fazer; uma terça parte de vós, ou seja, dos sacerdotes e dos levitas que entram no sábado, serão guardas das portas” (II Crônicas 23: 4).

Pelo que podemos ver os levitas faziam a segurança do templo, pois eram guardas. Além disso, eram porteiros e zeladores do templo, faziam a limpeza e a manutenção patrimonial, mais uma função de honra dada aos descendentes de Levi. Eles eram os mordomos do Senhor e por isso, tinham uma função destacada entre as outras tribos. Pensando dessa forma, entendemos que é uma honra para os cristãos da atualidade poder contribuir na manutenção de suas igrejas, no sustento do ministério pastoral, colaborando financeiramente com a obra de Deus, enviando missionários, evangelizando e administrando com mordomia a obra que Jesus Cristo nos confiou em semelhança aos levitas.

PROFESSORES DA LEI E ADMINISTRADORES

“Guarda-te da praga da lepra, e tenhas grande cuidado de fazer conforme a tudo o que te ensinarem os sacerdotes levitas; como lhes tenho ordenado, terás cuidado de fazê-lo” (Deuteronômio 24: 8).

“Mas tu põe os levitas sobre o tabernáculo do testemunho, e sobre todos os seus utensílios, e sobre tudo o que pertence a ele; eles levarão o tabernáculo e todos os seus utensílios; e eles o administrarão, e acampar-se-ão ao redor do tabernáculo” (Números 1: 50).

Os levitas eram os encarregados de juntamente com os pais a ensinarem as crianças do sexo masculino o hebraico e a lei ou Torá. Essa transmissão se dava de forma oral, ou seja, as histórias eram narradas pelos pais e sacerdotes de forma repedita com está em Deuteronômio 6: 6-9: *“E estas palavras, que hoje te ordeno, estarão no teu coração; e as ensinarás a teus filhos e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e deitando-te e levantando-te. Também as atarás por sinal na tua mão, e te serão por frontais entre os teus olhos e as escreverás nos umbrais de tua casa, e nas tuas portas”*. O amor e o temor a Deus estavam sempre em evidência nessas tradições transmitidas de geração a geração, nas quais se exaltavam os grandes feitos de Deus, ensina-se sobre cultura e sobre o significado das celebrações ao Senhor.

OS LEVITAS COMO INSTRUMENTOS DA JUSTIÇA DE DEUS

“Pôs-se em pé Moisés na porta do arraial e disse: Quem é do Senhor, venha a mim. Então se ajuntaram a ele todos os filhos de Levi. E disse-lhes: Assim diz o Senhor Deus de Israel: Cada um ponha a sua espada sobre a sua coxa; e passai e tornai pelo arraial de porta em porta, e mate cada um a seu irmão, e cada um a seu amigo, e cada um a seu vizinho. E os filhos de Levi fizeram conforme a palavra de Moisés; e caíram do povo aquele dia uns três mil homens” (Êxodo 32: 26-28).

Esse acontecimento foi em decorrência a feitura do bezerro de ouro. Moisés estava demorando a descer do monte Sinai com as tábuas da lei e o povo procurou Arão para pedir que ele fizesse ídolos, imagens de deuses que pudessem ser vistos e adorados. Arão sugeriu que eles doassem os seus pertences de ouro para fundirem e com eles formarem um bezerro. Ao final da produção da escultura, eles começaram a adorá-la, atribuindo-a o feito de ter tirado o povo da escravidão do Egito e lhes fizeram uma festa. Diante disso Deus

fala a Moisés: *“Tenho visto a este povo, e eis que é povo de dura cerviz, obstinado. Agora, pois, deixa-me, para que o meu furor se acenda contra ele, e o consuma; e eu farei de ti uma grande nação”* (Gênesis 32:9-10). Mas Moisés intercede e suplica, lembrando ao Senhor da promessa que Ele tinha feito de multiplicar a semente de Abraão sobre por toda terra. Deus volta atrás e não destrói totalmente o povo.

Moisés quando chega ao arraial e ao ver a idolatria, quebra as tábuas da lei ao pé do monte. Em seguida, queima o bezerro, joga-o na água e dá de beber aos filhos de Israel. Em seguida Moisés culpa a Arão pelo fato dele ter permitido que isso acontecesse. Arão se justifica, falado que o povo era inclinado ao mal. Mas Moisés não deixa esse acontecimento passar impune, fica em pé na porta do arraial e fala: *“Quem é do Senhor, venha a mim. Então se ajuntaram a ele todos os filhos de Levi e disse-lhes: Assim diz o Senhor Deus de Israel: Cada um ponha a sua espada sobre a sua coxa; e passai e tornai pelo arraial de porta em porta, e mate cada um a seu irmão, e cada um a seu amigo, e cada um a seu vizinho”* (Êxodo 32: 26-27). Foi dessa forma que os filhos de Levi fizeram a justiça de Deus com aqueles que foram rebeldes, chegando a matar naquele dia cerca de três mil homens.

OS DESCENDENTES DE LEVI

Os filhos de Levi formam *Gérson, Coate e Merari* (Gênesis 46: 11). Os descendentes de Levi não foram contados no recenseamento (Censo) de Moisés, porque foram separados para as funções sacerdotais, como está em Números 1, versículos de 47 a 54: *“Mas os levitas, segundo a tribo de seus pais, não foram contados entre eles. Porquanto o Senhor tinha falado a Moisés, dizendo: Porém não contarás a tribo de Levi, nem tomarás a soma deles entre os filhos de Israel; Mas tu põe os levitas sobre o tabernáculo do testemunho, e sobre todos os seus utensílios, e sobre tudo o que pertence a ele; eles levarão o tabernáculo e todos os seus utensílios; e*

eles o administrarão, e acampar-se-ão ao redor do tabernáculo. E, quando o tabernáculo partir, os levitas o desarmarão; e, quando o tabernáculo se houver de assentar no arraial, os levitas o armarão; e o estranho que se chegar morrerá. E os filhos de Israel armarão as suas tendas, cada um no seu esquadrão, e cada um junto à sua bandeira, segundo os seus exércitos. Mas os levitas armarão as suas tendas ao redor do tabernáculo do testemunho, para que não haja indignação sobre a congregação dos filhos de Israel, pelo que os levitas terão o cuidado da guarda do tabernáculo do testemunho. Assim fizeram os filhos de Israel; conforme a tudo o que o Senhor ordenara a Moisés, assim o fizeram”.

CAPÍTULO 4
O QUARTO FILHO
DE LÉIA: JUDÁ

“Judá, a ti te louvarão os teus irmãos; a tua mão será sobre o pescoço de teus inimigos; os filhos de teu pai a ti se inclinarão. Você é um leãozinho, da presa subiste, filho meu; encurva-se, e deita-se como um leão, e como um leão velho; quem o despertará? O cetro não se arredará de Judá, nem o legislador dentre seus pés, até que venha Siló; e a ele se congregarão os povos. Ele amarrará o seu jumentinho à vide, e o filho da sua jumenta à cepa mais excelente; ele lavará a sua roupa no vinho, e a sua capa em sangue de uvas. Os olhos serão vermelhos de vinho, e os dentes brancos de leite” (Genesis 49: 8-12).

Judá foi o quarto filho de Léia com Jacó. O nome Judeu foi a princípio derivado desse filho e posteriormente atribuído aos nascidos na Judéia e aos que foram libertos no cativeiro da Babilônia. O termo Judeu é o mais utilizado atualmente quando se refere a essa descendência. Esse filho foi muito elogiado por seu pai devido a sua postura de nobreza frente aos seus irmãos. Prestes a morrer, Jacó estendeu elogios ao seu filho preferido, José, mas exaltou e abençoou a Judá por suas características positivas. Na realidade essa tribo foi muito importante na história de Israel, pois dela descendeu figuras ilustres como o Rei Davi e o nosso Salvador Jesus Cristo.

JUDÁ EVITOU QUE SEUS IRMÃOS MATASSEM JOSÉ

Judá foi contrário à morte de José, dizendo aos seus irmãos: *“Que proveito haverá que matemos a nosso irmão e escondamos o seu sangue? Vinde e vendamo-lo a estes ismaelitas, e não seja nossa mão sobre ele; porque ele é nosso irmão, nossa carne. E seus irmãos obedeceram”* (Gênesis 37: 26-27). De fato, ele evitou que fizessem mal ao seu irmão, mas sugeriu vendê-lo como escravo aos mercadores Ismaelitas e compactou sobre a mentira da morte de José contada a Jacó. Mesmo assim, Judá e Rubem tiveram melhores atitudes que os outros irmãos. Tudo isso era plano

de Deus na vida de José, com a finalidade de preservar a descendência da família durante os sete anos de fome que assolaria a região.

A proposta de Judá teve a aceitação dos irmãos, pois na época era costume a venda e a compra de escravos. Segundo Gasda (2013), vender-se como escravo ou vender algum familiar era uma prática entre os israelitas (Ex 21: 5-6; Dt 15: 16-17). Algumas vezes as crianças eram vendidas como forma de pagamento de dívidas, quando os pais não possuíam recursos (II Rs 4: 1; Ne 5: 1-5). Quando os camponeses perdiam as suas terras se tornavam diaristas ou escravos para saldar as suas dívidas. Alguns seguidores de Davi, o procuraram porque tinham dívidas com Saul (1 Sm 22: 2). O preço dos escravos variava muito e podia ser calculado segundo o número de anos que ainda lhe restavam até o Ano de Jubileu. Havendo desacordo, apelava-se ao sacerdote (Lv 27: 8). Quarenta siclos eram o preço médio que se pagava por um escravo. A compra e venda de pessoas submetidas por alguma dívida ou prisioneiros de guerra não tinha necessariamente fins lucrativos.

Ainda segundo Gasda (2013), após a libertação da escravidão do Egito, os israelitas não deveriam ter escravos dentre os próprios israelitas, pois eles deveriam se lembrar de quando estiveram escravos por 430 anos. A bíblia se mostra a favor da liberdade humana. A identidade de Deus se manifesta na libertação da escravidão e na promessa de uma terra sem exploradores e explorados. No início do cristianismo ainda existia a escravidão. Realmente, Jesus Cristo, os discípulos e as primeiras igrejas não só conviveram com a existência de pessoas escravizadas (Mt 24: 45-51; Lc 19: 12-26), mas os acolheram (I Tm 6:1-2; Ef 6: 5) O cristianismo nasce no interior de uma sociedade cuja economia está baseada no trabalho escravo. Isso explica, porque os primeiros cristãos não conseguiram se contrapor, de imediato, a escravatura. Era uma instituição legal sustentada por um mercado permitido. No entanto, o Messias defendia que mesmo sendo escravo de homens, o indivíduo poderia ser livre das amarras do pecado: “Se,

pois, o Filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres” (João 8: 36) ou ainda *“E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará”* (João 8: 32).

O CASO TAMAR

A bíblia relata que Judá, quando visitava Hira que era um amigo Adulita, viu uma mulher Cananéia e a tomou por mulher. O nome dela era Sua e teve filhos com ela. O primeiro foi chamado Er, o segundo se chamava Onã e o seguinte era Selá. Judá tomou uma mulher chamada Tamar para o seu primogênito. No entanto, Er era mau e Deus o matou. Então Tamar foi dada a Onã para que ele a engravidasse e desse descendente ao seu irmão mais velho. Mas esse por agir de forma inadequada, pois usava coito interrompido, jogando o sêmen na terra. Isso foi visto como mal aos olhos de Deus e lhe custou à vida também. Então, Judá pediu para Tamar esperar até que seu terceiro filho, Selá crescesse e pudesse recebê-la como esposa. O tempo passou, seu filho cresceu e não recebeu Tamar como esposa. Em seguida, Judá ficou viúvo, pois sua mulher Sua morreu (Gênesis 38: 1-12).

O levirato era um costume no qual, uma viúva que não tivesse filhos se casava com um dos seus cunhados para gerar descendência ao falecido. Se por acaso seu marido morto não tivesse irmãos, a mulher se unia a outro parente próximo do defunto. Então, o primeiro filho do casal era considerado descendência do marido falecido. Mais à frente, o casamento de viúva sem filhos, com um irmão do falecido marido foi instituído por Moisés (Deuteronômio 25: 5). Aconteceu essa forma de casamento entre Boaz e Rute, entre Tamar e Onã. Na época de Jesus ainda havia esse costume, pois os saduceus o questionaram sobre uma situação hipotética na qual uma mulher ficou seis vezes viúva se casando com sete irmãos sem ter filhos com eles. E eles questionaram ao Mestre sobre de quem seria a mulher no dia da ressurreição e o Filho de Deus rebateu dizendo que eles não conheciam as escrituras

nem o poder de Deus, pois se conhecessem, saberiam que após a morte seriam como os anjos, não havendo casamento, pois ninguém viverá casado (Mateus 22: 23-30).

Passado algum tempo após a morte de sua esposa, Judá fez uma viagem a Timna para tosquiá as ovelhas e Tamar sabendo por onde ele iria passar, resolveu tirar as vestes de viúva e se disfarçar de prostituta. Então quando Judá viu Tamar com o rosto coberto, ficou interessado e pediu para se relacionar sexualmente com ela. Eles Acertaram que o valor seria um cabrito, mas como não tinha como pagar no momento, teve que deixar o seu selo, o seu lenço e o seu cajado como penhor. Após a negociação Judá teve relações com Tamar e esta veio a engravidar (Gênesis 38: 13-19). Perceba leitor que na cultura da época uma mulher viúva era dada ao irmão do falecido para que esse desse descendente ao seu irmão morto. O acordo não foi cumprido, ou seja, ela não foi dada a Selá. Então Tamar resolveu que tinha que gerar um filho com Judá. Isso pode se condenável para nossa cultura atual, mas era a forma de valorização das mulheres da época, que quando viúvas, eram rejeitadas e menosprezadas. Um filho era o que Tamar precisava, para que pudesse cuidar dela e sustentá-la na velhice.

Judá enviou o cabrito pelas mãos do amigo Adulamita para entregar à prostituta, mas esse não a encontrou, já que era Tamar disfarçada de meretriz. Hira voltou a Judá e disse que não a tinha encontrado. Após o fato, passados três meses, Judá foi informado que Tamar tinha adulterado e estava grávida. Então Judá disse: *“Tirai-a fora para que seja queimada”*. Então Tamar foi trazida a presença de Judá e nesse momento ela disse: *“Do homem de quem são estas coisas eu concebi. E ela disse mais: Conhece, peço-te, de quem é este selo, e este cordão, e este cajado”*. Judá ao perceber que os objetos pertenciam a ele, reconheceu o seu erro e falou: *“Mais justa é ela do que eu, porquanto não a tenho dado a Selá meu filho”*. Judá não teve mais relações sexuais com Tamar e está pariu os gêmeos Peres e Zerá (Gênesis 38: 20-30).

A atitude de Judá em querer queimar Tamar por adultério foi muito dura. Mas quando soube que sua nora tinha adulterado com ele, mudou de opinião, caiu em si e reconheceu o seu erro. Mesmo porque, se isso fosse levado em conta, ele teria que morrer também, como está registrado em Levítico 20: 10: *“Também o homem que adulterar com a mulher de outro, havendo adulterado com a mulher do seu próximo, certamente morrerá o adúltero e a adúltera”*.

Outro fato interessante que ameniza o ocorrido era que Judá estava viúvo, logo apesar de ter cometido fornicção, não estava casado. Tamar era viúva e também não estava vivendo com nenhum homem. Judá poderia ter tomado Tamar como esposa, mas não se sabe as razões pelas quais isso não aconteceu. Apesar de Tamar e Judá terem pecado, provavelmente Deus os perdoou, pois eles não lesaram outras pessoas. O propósito do Senhor foi cumprido, em multiplicar a semente de Judá, mesmo que tenha sido dessa forma.

JUDÁ ASSUME AS NEGOCIAÇÕES COM JACÓ PARA LEVAR BENJAMIN AO EGITO COMO RESGATE

Os mantimentos que haviam trazido do Egito na primeira viagem estavam prestes a acabar. Então Jacó mandou seus filhos irem comprar alimentos pela segunda vez. Judá começa a negociar dizendo que não poderiam viajar se não levassem Benjamim com eles e diz: *“Fortemente nos protestou aquele homem, dizendo: Não vereis a minha face, se o vosso irmão mais novo não vier convosco”* (Gênesis 43: 3). Jacó resiste inicialmente às investidas e pergunta a Judá por que eles disseram que tinham outro irmão? Judá disse que o varão do Egito fez perguntas sobre nossa parentela: *“vive ainda vosso pai?”* e *“tendes mais um irmão?”*, não tinha como saber que ele diria: *“trazei vosso irmão”*. Por fim Judá disse a Jacó: *“Envia o jovem comigo, e levantar-nos-emos, e iremos, para que vivamos e não morramos, nem nós, nem tu, nem os nossos filhos. Eu*

serei fiador por ele, da minha mão o requererás; se eu não o trouxer, e não o puser perante a tua face, serei réu de crime para contigo para sempre. E se não nos tivéssemos detido, certamente já estaríamos segunda vez de volta” (Gênesis 43: 8-9). Então Jacó concorda e deixa Benjamim seguir viagem na tutela dos outros filhos e de Judá e lhes dá o dinheiro em dobro, já que da primeira vez o pagamento pelo trigo foi devolvido.

A LINGUAGEM DIPLOMÁTICA E HUMILDE DE JUDÁ NO EGITO

Os irmãos chegam ao Egito pela segunda vez na companhia de Benjamim. Em seguida procuram José que ordena ao seu criado para levá-los a sua casa para almoçarem com ele. Quando chegaram à casa de José, Simeão foi liberto e se juntou aos outros. Então José chegou à presença dos irmãos e os convidou a mesa que estava organizada segundo a ordem dos nascimentos de cada um deles. A porção de comida dada a Benjamim foi cinco vezes maior que aos seus outros irmãos. José se emocionou, mas ainda não declarou quem era.

Após o almoço os irmãos comparam o trigo para seguirem a viagem de volta. Mas José resolve mandar devolver o dinheiro secretamente e colocar a sua taça de prata no saco de trigo de Benjamim para acusá-los de roubo e com isso retardar o retorno dos seus irmãos com astúcia. Os guardas de José trouxeram os seus irmãos de volta a sua presença. Nesse momento, Judá e seus irmãos voltam e se prostram diante de José. Então disse Judá a José: *“Que diremos a meu senhor? Que falaremos? E como nos justificaremos? Achou Deus a iniquidade de teus servos; eis que somos escravos de meu senhor, tanto nós como aquele em cuja mão foi achado o copo”*. José responde a fala de Judá: *“Longe de mim que eu tal faça; o homem em cuja mão o copo foi achado, esse será meu servo; porém vós subis em paz para vosso pai”* (Gênesis 44: 16-17).

Depois disso, Judá responde: *“Ai! senhor meu, deixa, peço-te, o teu servo dizer uma palavra aos ouvidos de meu senhor, e não se acenda a tua ira contra o teu servo; porque tu és como Faraó. Meu senhor, perguntou a seus servos, dizendo: Tendes vós pai, ou irmão? E dissemos a meu senhor: Temos um velho pai, e um filho da sua velhice, o mais novo, cujo irmão é morto; e só ele ficou de sua mãe, e seu pai o ama. Então tu disseste a teus servos: Trazei-o a mim, e porei os meus olhos sobre ele. E nós dissemos a meu senhor: Aquele moço não poderá deixar a seu pai; se deixar a seu pai, este morrerá. Então tu disseste a teus servos: Se vosso irmão mais novo não descer convosco, nunca mais vereis a minha face. E aconteceu que, subindo nós a teu servo meu pai, e contando-lhe as palavras de meu senhor, Disse nosso pai: Voltai, comprai-nos um pouco de mantimento. E nós dissemos: Não poderemos descer; mas, se nosso irmão menor for conosco, descereemos; pois não poderemos ver a face do homem se este nosso irmão menor não estiver conosco. Então nos disse teu servo, meu pai: Vós sabeis que minha mulher me deu dois filhos; e um ausentou-se de mim, e eu disse: Certamente foi despedaçado, e não o tenho visto até agora”* (Gênesis 44: 18-28).

E continuou Judá com as palavras de defesa: *“Se agora também tirardes a este da minha face, e lhe acontecer algum desastre, fareis descer as minhas cãs com aflição à sepultura. Agora, pois, indo eu a teu servo, meu pai, e o moço não indo conosco, como a sua alma está ligada com a alma dele. Acontecerá que, vendo ele que o moço ali não está, morrerá; e teus servos farão descer as cãs de teu servo, nosso pai, com tristeza à sepultura. Porque teu servo se deu por fiador por este moço para com meu pai, dizendo: Se eu o não tornar para ti, serei culpado para com meu pai por todos os dias. Agora, pois, fique teu servo em lugar deste moço por escravo de meu senhor, e que suba o moço com os seus irmãos. Porque, como subirei eu a meu pai, se o moço não for comigo? para que não veja eu o mal que sobrevirá a meu pai”* (Gênesis 44: 29-34).

Dessa forma, Judá defendeu os seus irmãos, de jeito humilde se prontificou a ficar preso no lugar de Benjamim, mostrando-se um

homem íntegro, preocupado com a palavra verdadeira e o compromisso que tinha assumido com seu pai em trazer em segurança o caçula da família. Nesse episódio, Judá mostra o seu valor, o seu bom caráter e sua integridade diante dos seus irmãos.

JUDÁ SERVINDO DE INTERMEDIÁRIO NO ENCONTRO EMOCIONANTE ENTRE JACÓ E JOSÉ

Mais uma vez Jacó coloca Judá, e não Rubem, como seu representante, a frente dos outros filhos para intermediar o encontro com José na terra de Gósen: *“E Jacó enviou Judá adiante de si a José, para encaminhá-lo a Gósen; e chegaram à terra de Gósen”* (Gênesis 46: 28). A terra de Gósen foi o lugar dado pelo faraó aos Hebreus no Egito.

Judá agiu como um porta-voz, um agente diplomático para preparar o caminho para o grande encontro: um pai que ganha novamente um filho que o tinha como morto com um filho próspero, cheio de perdão fraterno, amor e saudades do seu pai.

A BENÇÃO DE JACÓ SOBRE JUDÁ

“Judá, a ti te louvarão os teus irmãos; a tua mão será sobre o pescoço de teus inimigos; os filhos de teu pai a ti se inclinarão” (Gênesis 49: 8).

“Judá é um leãozinho, da presa subiste, filho meu; encurva-se, e deita-se como um leão, e como um leão velho; quem o despertará?” (Gênesis 49: 9).

“O cetro não se arredará de Judá, nem o legislador dentre seus pés, até que venha Siló; e a ele se congregarão os povos” (Gênesis 49: 10).

“Ele amarrará o seu jumentinho à vide, e o filho da sua jumenta à cepa mais excelente; ele lavará a sua roupa no vinho, e a sua capa em sangue de uvas” (Gênesis 49: 11).

“Os olhos serão vermelhos de vinho, e os dentes brancos de leite” (Gênesis 49: 12).

Mesmo antes dessa bênção impetrada a Judá, o patriarca Jacó já dava sinais sobre a sua escolha. Quando permitiu a viagem de Benjamim sob a tutela de Judá e dos outros filhos e quando enviou Judá a sua frente no reencontro com José na terra de Gósen. A bíblia relata uma preferência do patriarca Jacó por seu filho José e que talvez pela ausência desse filho por tanto tempo, essa escolha tenha sido direcionada, por merecimento, a Judá. De qualquer forma, Judá foi um homem especial, que como José se destacou muito à frente dos demais irmãos e sobre ele foi proferida uma bênção semelhante a da primogenitura.

Judá é comparado a um leão jovem por sua força e a um leão velho por sua solidez de caráter. A sua linguagem alcançou caráter de realeza, pois alcançou os reis Davi e Salomão que estão na sua descendência. Faz parte da raiz, pertence ao cedro que é chamado Siló, dando origem ao Messias, conhecido como “Leão da tribo de Judá”. Na travessia pelo deserto, Judá estava à frente e apresentou a maior população no censo de Moisés, ou seja, setenta e quatro mil e seiscentos (Números 1: 27).

A prosperidade de Judá seria tão grande ao ponto de amarrar um jumento a uma vide e ela continuar dando frutos, pois a abundância era muito grande, o vinho seria em grande quantidade como a água e as vacas dariam muito leite (Gênesis 49: 11-12).

OS DESCENDENTES DE JUDÁ

E os filhos de Judá foram: *“Er, Onã, Selá, Perez e Zerá. Er e Onã, porém, morreram na terra de Canaã; e os filhos de Perez foram Hezrom e Hamul (Gênesis 46: 12). Hezrom gerou Arão que faz parte da genealogia do Rei Davi e do carpinteiro José, marido de Maria, da qual Jesus Cristo nasceu”* (Mateus 1:1-17).

CAPÍTULO 5
**O PRIMOGÊNITO DA
SERVA DE RAQUEL,
CHAMADA BILÁ: DÃ**

“Dã julgará o seu povo, como uma das tribos de Israel. Dã será serpente junto ao caminho, uma víbora junto à vereda, que morde os calcanhares do cavalo, e faz cair o seu cavaleiro por detrás. A tua salvação espero, ó Senhor!” (Gênesis 49: 16-18).

Raquel quando percebeu que não gerava filhos, pediu-os a Jacó. O patriarca ficou chateado e falou que não era Deus para dá-lhe uma criança. Então, Raquel resolveu oferecer a sua serva Bila para dá-lhe descendentes através dela. E assim aconteceu, Bila engravidou e deu à luz um menino, chamado Dã que significa “juízo”.

DÃ FOI PROVAVELMENTE FAVORÁVEL À MORTE DE JOSÉ OU SUA VENDA COMO ESCRAVO

Não se fala claramente, mas é provável que Dã tenha contribuído para a venda de José aos mercadores Ismaelitas como relatado no texto bíblico: *“E viram-no de longe e, antes que chegasse a eles, conspiraram contra ele para o matarem. E disseram um ao outro: Eis lá vem o sonhador-mor! Vinde, pois, agora, e matemo-lo, e lancemo-lo numa destas covas, e diremos: Uma fera o comeu; e veremos que será dos seus sonhos” (Genesis 37: 18-20).* No entanto, os irmãos Rubem e Judá impediram que José fosse morto pelos outros nove irmãos, já que Benjamim não estava entre eles.

AS BÊNÇÃOS DE JACÓ NÃO ACONTECERAM NA TRIBO DE DÃ

Dã foi uma pequena tribo que não viu a concretização da bênção de Jacó para transformação em poderosos guerreiros. Também não foi reconhecida por postura moral ou por devoção fiel a Deus e tiveram pouca relevância, apesar do apelo do patriarca. Em Josué 19: 40-48 relata que as terras que foram dadas a Dã, depois foram abandonadas e a tribo se dirigiu ao extremo norte de Israel.

Essa tribo não é citada em Apocalipse 7: 4-8. No lugar dessa, é citada a tribo de Manasses, filho primogênito de José. Para José (2013), a escolha de Dã como tribo omitida deve ser por causa da associação antiga com a idolatria e por causa da tradição judaica que associava o anticristo surgindo dela.

No livro de Juízes está relatado o episódio do rapto de um levita, que servia na casa de Mica, nas montanhas de Efraim. O levita foi levado por um grupo de seiscentos danitas, juntamente com pertences e imagens de idolatria. Ao saber do fato, Mica foi atrás dos danitas e ao encontrá-los falou: *“Os meus deuses, que eu fiz, me tomastes, juntamente com o sacerdote, e partistes; que mais me resta agora? Como, pois, me dizeis: Que é que tens?”* Porém os filhos de Dã lhe disseram: *“Não nos façam ouvir a tua voz, para que porventura homens de ânimo mau não se lancem sobre vós, e tu percas a tua vida, e a vida dos da tua casa”*. Assim seguiram o seu caminho os filhos de Dã; e Mica, vendo que eram mais fortes do que ele, virou-se, e voltou à sua casa. Depois disso, os danitas tomaram a cidade de Laís, mataram aquele povo a espada e queimaram a cidade. Em seguida, constituíram um descendente de Manasses, Jonatas, filho de Gérson e seus filhos como sacerdotes na casa de Deus em Siló. Por essa atitude os descendentes de Dã foram tidos como cruéis e idólatras.

O RELEVANTE DESCENDENTE DESSA TRIBO

Sansão foi um juiz que descendeu da tribo de Dã. Seu pai se chamava Manoá e a sua mãe era estéril, mas Deus permitiu que ela engravidasse e ele nascesse. Apesar de ter uma vida mundana e forte atração por mulheres que não eram do seu povo, como Dalila que o traiu, esse Danita cumpriu a sua função derrotando sozinho, os inimigos do seu povo que estavam reunidos no templo de Dagom. Como está no texto bíblico: *“Senhor Deus, peço-te que te lembres de mim,*

e fortalece-me agora só esta vez, ó Deus, para que de uma vez me vingue dos filisteus, pelos meus dois olhos. Abraçou-se, pois, Sansão com as duas colunas do meio, em que se sustinha a casa, e arrimou-se sobre elas, com a sua mão direita numa, e com a sua esquerda na outra. E disse Sansão: Morra eu com os filisteus. E inclinou-se com força, e a casa caiu sobre os príncipes e sobre todo o povo que nela havia; e foram mais os mortos que matou na sua morte do que os que matara em sua vida. Então seus irmãos desceram, e toda a casa de seu pai, e tomaram-no, e subiram com ele, e sepultaram-no entre Zorá e Estaol, no sepulcro de Manoá, seu pai. Ele julgou há Israel vinte anos” (Juízes 16: 28-31).

No tempo de Sansão essa tribo apresentou certa supremacia transitória em relação às outras tribos. Foi uma serpente no caminho, uma víbora que mordida os calcanhares dos cavalos, de modo que o seu cavaleiro caia para trás. O bravo e forte Sansão usou a sua astúcia e força dada pelo Espírito de Deus, como uma serpente, para derrotar um poderoso exército de filisteus.

DESCENDENTES DE DÃ

Dã só teve um filho e esse se chamava Husim (Gênesis 46: 23). No censo de Moisés os filhos de Dã, as suas gerações, pelas suas famílias, segundo a casa de seus pais, pelo número dos nomes dos de vinte anos para cima, todos os que podiam sair à guerra, foram contados deles cerca de *sessenta e dois mil e setecentos* (Números 1: 38-39).

CAPÍTULO 6
SEGUNDO FILHO
DA CONCUBINA
BILA: NAFTALI

“**N**aftali é uma gazela solta; ele dá palavras formosas” (Gênesis 49: 21).

Naftali foi o segundo filho da serva de Raquel, chamada Bila. O seu nome significa minha luta, pois Raquel afirmou quando ele nasceu: “*Com grandes lutas tenho lutado com minha irmã; também venci*” (Gênesis 30: 8). Esse comentário foi feito, porque Raquel tinha a sua irmã Léia como adversária. Então, a essa altura Léia já tinha dado quatro filhos a Jacó. Essa rivalidade familiar estava produzindo frutos amargos nessas duas mulheres.

NAFTALI FOI PROVAVELMENTE UM DOS QUE DESEJOU A MORTE DE JOSÉ

O nome de Naftali não é citado quando se narra o incidente que resultou na venda de José como escravo aos mercadores Ismaelitas, mas é muito provável que ele estivesse presente, já que costumava acompanhar os seus irmãos nos trabalhos da família. Como podemos observar no texto bíblico: “*E aconteceu que, chegando José a seus irmãos, tiraram de José a sua túnica, a túnica de várias cores, que trazia. E tomaram-no, e lançaram-no na cova; porém a cova estava vazia, não havia água nela. Depois se assentaram a comer pão; e levantaram os seus olhos, e olharam, e eis que uma companhia de ismaelitas vinha de Gileade; e seus camelos traziam especiarias e bálsamo e mirra, e iam levá-los ao Egito*”. (Gênesis 37: 23-25). Depois disso, José foi tirado da cova, vendido aos mercadores por vinte moedas de prata e revendido no Egito como escravo.

A AGILIDADE E ELOQUÊNCIA DOS DESCENDENTES DESSA TRIBO

A velocidade era uma característica da proeza militar dessa tribo. A profetisa Débora chamou Baraque e ordenou que ele formasse um

exército com dez mil homens das tribos de Naftali e Zebulon para derrotar Sisera. O líder Baraque, que em hebraico significa relâmpago, e a juíza Débora, que significa trabalhadora e esforçada, eram descendentes de Naftali.

O cântico de Débora e Baraque registrado no livro de Juízes é um exemplo das palavras formosas: *“Louvai ao Senhor pela vingança de Israel, quando o povo se ofereceu voluntariamente. Ouvi, reis; dai ouvidos, príncipes; eu cantarei ao Senhor; salmodiarei ao Senhor Deus de Israel. Ó Senhor, saindo tu de Seir, caminhando tu desde o campo de Edom, a terra estremeceu; até os céus gotejaram; até as nuvens gotejaram águas. Os montes se derreteram diante do Senhor, e até Sinai diante do Senhor Deus de Israel”* (Juízes 5: 2-5).

Na realidade Deus deve ser sempre nosso manancial de inspiração, pois sem o Espírito Santo somos apenas letra ou conhecimento humano. Por isso, devemos buscar o Senhor em primeiro lugar, pois Ele é a fonte inesgotável de vida, de sabedoria e inspiração. Sem Jesus Cristo somos apenas conhecimento humano, vazio e passageiro, que não alimenta ninguém com as vãs filosofias peculiares. Como disse o apóstolo Paulo: *“a letra mata, mas o Espírito Santo dá vida, vivifica”* (II Coríntios 3:6). Seremos usados com a retórica espiritual se soubermos ser servos humildes que buscam com afincos nos alimentar da sabedoria que vem de Deus e que é adquirida quando aprendemos a temer e respeitar o Senhor.

OS DESCENDENTES DE NAFTALI

E os filhos de Naftali foram: *“Jazeel, Guni, Jezer e Silém”* (Gênesis 46: 24). No recenseamento realizado por Moisés está registrado que: *“Dos filhos de Naftali, as suas gerações, pelas suas famílias, segundo a casa de seus pais, pelo número dos nomes dos de vinte anos para cima, todos os que podiam sair à guerra, foram contados cinquenta e três mil e quatrocentos”* (Números 1: 42-43).

CAPÍTULO 7
O PRIMOGÊNITO
DA SERVA DE LÉIA
CHAMADA DE
ZILPA: GADE

“**Q**uanto a Gade, uma tropa o acometerá; mas ele a acometerá por fim” (Gênesis 49: 19).

Gade foi o primeiro filho que Zilpa, serva de Léia, deu a Jacó. O nome Gade significa na língua hebraica, sorte ou fortuna.

GADE JUNTAMENTE COM SEUS IRMÃOS VENDERAM JOSÉ COM ESCRAVO

Gade estava com seus irmãos apascentando o gado quando resolvem vender José como escravo aos mercadores Ismaelitas. A princípio ele queria matar o seu irmão, mas depois aceitou a proposta de Judá. Essa atitude deplorável dos irmãos surgiu por inveja e maldade, porque José era o filho preferido de Jacó, mas também porque esse irmão não era conivente com os erros dos filhos das servas, como podemos observar: *“Estas são as gerações de Jacó. Sendo José de dezessete anos, apascentava as ovelhas com seus irmãos; sendo ainda jovem, andava com os filhos de Bila, e com os filhos de Zilpa, mulheres de seu pai; e José trazia más notícias deles a seu pai. E Israel amava a José mais do que a todos os seus filhos, porque era filho da sua velhice; e fez-lhe uma túnica de várias cores”* (Gênesis 37: 2-3).

O POVO VALENTE E DIGNO DE VITÓRIAS

A tribo de Gade foi formada por muitos guerreiros valentes e que sofreu invasões em seu território da Transjordânia pelos hagarenos, mas com intrepidez e coragem conseguiu resistir e expulsar os forasteiros, como relatado: *“homens muito valentes, que traziam escudo e espada, e entesavam o arco, e eram destros na guerra; houve quarenta e quatro mil e setecentos e sessenta, que saíam à peleja”* (I Crônicas 5: 18). O relato bíblico diz que os guerreiros Gaditas saíram vitoriosos, levaram os despojos da guerra, além de cem mil presos do exército inimigo.

AMÁ FAMA DOS FILHOS DAS DUAS SERVAS BILA E ZILPA

Em Genesis 37: 2 está escrito: “*sendo ainda jovem, andava com os filhos de Bila, e com os filhos de Zilpa, mulheres de seu pai; e José trazia má fama deles a seu pai*”. Não se sabe exatamente qual a má fama dos filhos das servas. Mas uma fama ruim pode estar relacionada à reputação. Os fariseus questionaram Jesus em Mateus 9: 11: “*Por que é que o mestre de vocês come com os cobradores de impostos e com outras pessoas de má fama?*” E o Mestre respondeu que tais pessoas necessitam de atenção e cura dos seus pecados. A má fama na época de Jesus se referia as prostitutas, os depravados e imorais, os bêbados, os gentios e aqueles que tinham condutas reprovadas por aqueles religiosos.

Em Provérbios 10: 18 está escrito: “*O que encobre o ódio tem lábios falsos, e o que divulga má fama é um insensato*”. Diante desse trecho, pode-se entender a aversão que os irmãos de José tinham dele. Ele não acobertava o erro dos filhos das concubinas, mesmo sendo muito jovem, apenas 17 anos, tinha uma maturidade e um caráter ilibado, diferente da reputação dos filhos de Zilpa e Bila.

Em Atos 6: 3, na instituição do diaconato, está escrito: “*Escolhei, pois, irmãos, dentre vós, sete homens de boa reputação, cheios do Espírito Santo e de sabedoria, aos quais constituamos sobre este importante negócio*”. Pode-se entender que para o serviço cristão, tanto os homens como o Senhor procuram pessoas convertidas, de boa reputação.

Então, diante dessas citações bíblicas, pode-se dizer que Gade e seus três irmãos (Dã, Naftali e Aser) por terem má fama, não eram bem vistos por Jacó, nem tampouco por Deus. Pode-se tentar inferir que Gade e seus irmãos cometiam pecados sexuais com as mulheres daquele lugar, exageravam no vinho e não eram honestos na execução das suas funções nos trabalhos familiares.

OS DESCENDENTES DE GADE

E os filhos de Gade foram: “Zifom, Hagi, Suni, Esbom, Eri, Arodi e Areli” (Gênesis 46: 16). No censo de Moisés observou-se que: “*Dos filhos de Gade, as suas gerações, pelas suas famílias, segundo a casa de seus pais, pelo número dos nomes dos de vinte anos para cima, todos os que podiam sair à guerra, foram contados deles, quarenta e cinco mil e seiscentos e cinquenta*” (Números 1: 24-25).

CAPÍTULO 8
**O SEGUNDO FILHO
DA SERVA DE LÉIA
CHAMADA ZILPA: ASER**

“De Aser, o seu pão será gordo, e ele dará delícias reais”
(Gênesis 49: 20).

Aser foi o segundo filho que a concubina Zilpa deu a Jacó. O Nome Aser em Hebraico significa bem aventurado, ou seja, aquele indivíduo que em vida ou depois da morte, pode experimentar as boas dádivas de Deus, uma felicidade eterna e sem igual.

ASER CONTRIBUIU NA VENDA DE JOSÉ COM ESCAVO PARA O EGITO

É provável que Aser desejasse a morte de José, já que possivelmente estava com seus outros irmãos apascentando o gado, quando vendeu o irmão aos mercadores Midianitas (descendente de Quetura) ou Ismaelitas que iam ao Egito. Eles pensavam que nunca mais veriam o sonhador mor, mas Deus estava nesse plano aparentemente desfavorável, já que o Senhor permitiu essa armação para que José fosse promovido de escravo a governador do Egito. Esse era o plano de Deus para preservar a vida da família de Jacó durante os futuros anos de fome e seca, garantindo a propagação de sua semente.

A PROSPERIDADE ALIMENTAR DA TRIBO DE ASER

O território que a tribo de Aser ocupou era fértil, em região bem agricultável, próxima à costa marítima, ao norte de Carmelo (Josué 19: 24-31). Sendo assim, logo se desenvolveu na região a produção de alimentos que eram levados para o palácio, para a mesa do rei e da corte. A benção de Jacó foi concretizada sobre os descendentes dessa tribo: *“De Aser, o seu pão será gordo, e ele dará delícias reais”* (Gênesis 49: 20).

O cuidado de Deus com o seu povo é maravilhoso. Deus tem cuidado de cada um de nós, pois ele garante que o nosso futuro seja

preservado, através de um presente com provisão, livramento e nos guiando da melhor forma possível. Supre-nos de paz e alegrias, providencia o nosso sustento em alimentos e água, tem nos dado uma casa, recursos financeiros e uma família que nos ama. Ele continua sendo fiel de geração em geração, como foi na vida de Jacó, José e Aser. Glória a Deus por tudo isso!

A MÁ FAMA DOS FILHOS DAS DUAS SERVAS BILA E ZILPA

Aser e seus três irmãos (Dã, Naftali e Gade) tinham má fama e provavelmente cometiam pecados sexuais com as mulheres daquele lugar, exageravam no vinho e não eram honestos na execução das suas funções nos trabalhos familiares que Jacó designava a eles.

OS DESCENDENTES DE ASER

E os filhos de Aser foram: Imna, Isvá, Isvi, Berias e Sera, a irmã deles; e os filhos de Berias: Héber e Malquiel (Gênesis 46: 17). Foram contados no censo de Moisés, da tribo de Aser, quarenta e um mil e quinhentos (Números 1: 41).

CAPÍTULO 9
O QUINTO FILHO
DE LÉIA: ISSACAR

“Issacar é jumento de fortes ossos, deitado entre dois fardos. E viu ele que o descanso era bom, e que a terra era deliciosa e abaixou seu ombro para acarretar, e serviu debaixo de tributo” (Gênesis 49: 14-15).

Issacar foi o quinto filho que Léia deu a Jacó. O seu nome, em hebraico, significa galardão, prêmio, recompensa, homem assalariado. E fez jus ao seu nome, pois ele foi concebido após uma negociação, na qual Rubem daria mandrágoras colhidas no campo para Raquel e essa, em troca, permitiria que Jacó tivesse relações sexuais com Leia naquele dia. As mandrágoras eram símbolo de fertilidade na antiguidade. Com isso, Raquel achava que iria engravidar de Jacó, comendo aquelas frutinhas.

ISSACAR ARQUITETOU JUNTO AOS SEUS IRMÃOS SOBRE A MORTE DE JOSÉ

Provavelmente Issacar estava no grupo dos irmãos que queria a morte de José, mas que aceitou que ele fosse vendido como escravo. Entende-se que Issacar e Zebulom por serem os mais novos do grupo, talvez tenham sido induzidos pela astúcia dos irmãos mais velhos. No entanto, Rubem e Judá, que pensavam diferente do restante, impediram que José fosse morto e amenizaram o ocorrido vendendo-o com escravo.

ISSACAR FOI UMA TRIBO ASTUTA E TRABALHADORA

Os seus descendentes formaram uma tribo robusta, voltada para o trabalho e leal. Eles deveriam ser dóceis, mas foram politicamente espertos e em determinado momento da história oscilaram sua lealdade ora para rei Saul e ora para rei Davi. Issacar é comparado por Jacó a um animal de carga que está satisfeito com a prosperidade da terra e

se submete ao seu senhor, que eram os moradores de Canaã: “*Issacar é jumento de fortes ossos, deitado entre dois fardos. E viu ele que o descanso era bom, e que a terra era deliciosa e abaixou seu ombro para acarretar, e serviu debaixo de tributo*” (Gênesis 49: 14-15).

Em Deuteronômio 33: 18-19, Moisés abençoa Issacar e diz que eles retirariam abundantes tesouros do mar. Na realidade essa tribo estava situada ao norte, numa região fértil. Para sobreviver nessa região de Canaã, esse grupo teve que se incorporar aos habitantes locais da região, buscando trabalhar ao lado da sociedade Cananéia. Com isso, sua força acabou levando a trabalhos forçados, comparando-se a um jumentinho forte. Essa convivência permitiu a permanência em uma região mais fértil, de cultivo fácil, o que acabou sacrificando a sua autonomia de vida e gerando desconforto diante das outras tribos, por estar a serviço da estrutura Egípcia/Cananéia.

Dessa forma, mesmo trabalhando ao lado dos cananeus, Issacar foi uma das peças do sistema de sociedade igualitária de Israel. Foi um modo diferente de pertencer a essa confederação, trabalhador forte que jamais tenha conseguido se libertar do domínio de seus senhores. Entende-se que a sofrida e forte tribo de Issacar, ao ver a terra boa e o direito ao descanso se juntou aos cananeus, baixou os ombros para carregar e servir àqueles que poderiam ser uma garantia de vida fácil e duradoura e isso não foi uma maldição, foi benção pela força, foi uma benção pelos ossos que garantiu a sobrevivência em um lugar melhor, uma benção de Jacó, de Moisés e de *Yahweh* (ANDRADE-JÚNIOR, 2012).

OS DESCENDENTES DE ISSACAR

E os filhos de Issacar foram: “*Tola, Puva, Jó e Sinrom*” (Gênesis 46: 13). No recenseamento de Moisés foram contados dessa tribo cerca de cinquenta e quatro mil e quatrocentos (Números 1: 29).

CAPÍTULO 10
O SEXTO FILHO DE
LÉIA: ZEBULOM

“**Z**ebulom habitará no porto dos mares, e será como porto dos navios, e o seu termo será para Sidom” (Gênesis 49: 13).

Zebulom foi o sexto filho que Léia deu a Jacó. O nome Zebulom significa em hebraico, boa dádiva. Léia ainda engravidou pela sétima vez, dando à luz uma menina chamada Diná. Depois dessa, não teve mais filhos.

ZEBULOM PERTENCIA AO GRUPO DOS QUE QUERIAM MATAR JOSÉ

Zebulom era o mais novo dos irmãos que tramaram tirar a vida de José. Nesse caso, pela inexperiência da idade, ele possivelmente sofreu a influência dos outros mais velhos. Isso pode ser inferido, pois o texto bíblico apenas menciona Rubem e Judá e que esses dois se posicionaram de forma contrária a morte de José. No entanto, todos unanimemente foram favoráveis à sua venda como escravo, como se pode observar na fala de Judá: *“Vinde e vendamo-lo a estes ismaelitas, e não seja nossa mão sobre ele; porque ele é nosso irmão, nossa carne. E seus irmãos obedeceram* (em hebraico original: וַיִּשְׁמְעוּ וַיִּבְעוּ וַיִּשְׁמְעוּ e do hebraico transliterado: *Vayshēmēu*)” (Gênesis 37: 27). A palavra וַיִּשְׁמְעוּ ou *Vayshēmēu* significa obedecer, ouvir, escutar; prestar atenção, dar ouvidos; entender. Isso quer dizer que Judá exercia uma forte liderança sobre os seus irmãos ao ponto deles lhes obedecer.

A TRIBO DE ZEBULOM SE DESENVOLVEU PELO COMÉRCIO MARÍTIMO

Zebulom se localizava em uma posição marítima próxima ao mar mediterrâneo e tinha fronteiras com a Fenícia, que tinha grandes mercadores marítimos e pelo contato com esse povo, também se desenvolveu no comércio pelo mar. O comércio marítimo era a principal rota de importação e exportação de produtos na antiguidade. Esse

povo foi beneficiado como está registrado: “*E de Zebulom disse: Zebulom alegre-te nas tuas saídas; e tu, Issacar, nas tuas tendas. Eles chamarão os povos ao monte; ali apresentarão ofertas de justiça, porque chuparão a abundância dos mares e os tesouros escondidos da areia*” (Deuteronômio 33: 18-19). A tribo de Zebulom vivia ao norte e tinha proximidade com a tribo de Issacar, celebravam juntas nas proximidades da planície de Jezrael, no santuário de Tabor.

Para Bezerra (2020), os fenícios formaram uma importante civilização da antiguidade. A Fenícia se localizava no Norte da Palestina, entre o Mar Mediterrâneo e o território que hoje corresponde ao Líbano, Síria e Israel. Eles foram conhecidos como povo do mar, porque eram grandes mercadores marítimos. Os fenícios comercializavam com vários povos, entre eles com os hebreus, pela proximidade com as tribos do norte (territórios de Zebulom, Naftali e Aser). A religião da Fenícia era o politeísmo, com rituais de sacrifício de animais e humanos e isso era motivo de conflitos com os hebreus que eram monoteístas. Dedicavam-se também ao artesanato e inventaram o vidro. Na agricultura, produziam azeitonas e uvas e também foram grandes pescadores. O território fenício era dividido em cidades-estados, como Tiro e Sídón, que eram governadas de forma independentes e podiam guerrear entre si. Eles utilizavam a música e a dança para adorar os seus deuses. Quando Ciro II, rei da Pérsia, invadiu e conquistou a Fenícia, os seus habitantes fugiram e fundaram Cartago. Ao fim da guerra pelo domínio do Mar Mediterrâneo, durante as Guerras Púnicas, Roma destruiu Cartago e passou a dominar o comércio no mar Mediterrâneo.

OS DESCENDENTES DA TRIBO DE ZEBULOM

Os filhos de Zebulom foram: “*Serede, Elom e Jaleel*” (Gênesis 46: 14). Durante o censo de Moisés foram contados da tribo de Zebulom, cerca de cinquenta e sete mil e quatrocentos (Números 1: 31).

CAPÍTULO 11
**O SONHADOR-MOR,
FILHO PRIMOGÊNITO
DE RAQUEL: JOSÉ**

“José é um ramo frutífero, ramo frutífero junto à fonte; seus ramos correm sobre o muro. Os flecheiros lhe deram amargura, e o flecharam e odiaram. O seu arco, porém, susteve-se no forte, e os braços de suas mãos foram fortalecidos pelas mãos do Valente de Jacó (de onde é o pastor e a pedra de Israel). Pelo Deus de teu pai, o qual te ajudará, e pelo Todo-Poderoso, o qual te abençoará com bênçãos dos altos céus, com bênçãos do abismo que está embaixo, com bênçãos dos seios e da madre. As bênçãos de teu pai excederão as bênçãos de meus pais, até à extremidade dos outeiros eternos; elas estarão sobre a cabeça de José, e sobre o alto da cabeça do que foi separado de seus irmãos” (Gênesis 49: 22-26).

José foi o filho primogênito de Raquel. Essa mulher era a filha mais nova de Labão, tio de Jacó e irmão de Rebeca. Como está relatado na bíblia, Jacó trabalhou por sete anos para ter Raquel como esposa, mas seu sogro o enganou dando a ele sua filha mais velha, Léia. Logo depois, esse impasse foi resolvido, quando Labão permitiu que a sua caçula, Raquel fosse dada a Jacó, antecipadamente por mais sete anos. Raquel apesar de ser muito bonita, não era fértil e não conseguia engravidar, mas o Senhor foi misericordioso e permitiu que essa fosse fecundada. Assim, José (Yosef) nasceu e seu nome significa em hebraico “Deus acrescenta” e recebeu a benção mais longa que seus irmãos.

Desde cedo, com dezessete anos, José já trabalhava apascentando as ovelhas de Jacó e também não escondia os erros que Dã, Naftali, Gade e Aser cometiam, pois contava ao seu pai sobre a má fama deles. Além disso, Jacó demonstrava preferência por ele a seus irmãos. Essa preferência pode ser entendida, já que José era o primogênito da sua esposa favorita, mas também, porque esse filho era responsável, obediente e leal mesmo apresentando uma tenra idade. Para completar, José contava seus sonhos a sua família se colocava em posição de

superioridade em relação aos irmãos e até ao pai e a mãe. Esse comportamento levou a inveja dos seus irmãos e a indignação do próprio Jacó: *“Que sonho é este que tiveste? Porventura viremos, eu e tua mãe, e teus irmãos, a inclinar-nos perante ti em terra?”* (Gênesis 37: 10).

JOSÉ É VENDIDO COM ESCRAVO

O texto bíblico diz que Jacó enviou José para Siquém para ver como estavam os irmãos e o rebanho. No caminho foi informado que seus irmãos estavam em Dotã. Os seus irmãos quando o viram de longe pensaram em matá-lo e disseram: *“Eis lá vem o sonhador-mor! Vinde, pois, agora, e matemo-lo, e lancemo-lo numa destas covas, e diremos: Uma fêra o comeu; e veremos que será dos seus sonhos”* (Gênesis 37: 19-20).

Mas Rubem tirou José das mãos dos outros irmãos e impediu que o matassem. Mas propôs que deixassem José em uma cisterna, na intenção de devolvê-lo a Jacó. Os seus irmãos tiraram a túnica de várias cores que José vestia e lançaram-no na cova que não tinha água. Rubem era o mais velho dos irmãos e como tal se sentia responsável pelos mais novos. Esse senso de responsabilidade é demonstrado quando ele retorna, após se ausentar por algum tempo e não visualiza José na cova, então rasga as vestes e diz: *“O menino não está; e eu aonde irei?”*. Depois Rubem ficou sabendo da venda de José como escravo. No entanto, foi conivente com o forjamento da morte do irmão e essa foi a mentira contada ao seu pai por seus irmãos.

Judá também não concordou com a morte de José e sugeriu ao ver os mercadores passando: *“Que proveito haverá que matemos a nosso irmão e escondamos o seu sangue? Vinde e vendamo-lo a estes ismaelitas, e não seja nossa mão sobre ele; porque ele é nosso irmão, nossa carne. E seus irmãos obedeceram”* (Gênesis 27: 26-27). A atitude de Judá demonstra a liderança que ele exercia e pode ter sido tomada por duas razões: a primeira e mais provável, era que seus irmãos continuavam querendo

matar José, mesmo contrário à vontade de Rubem. Nesse caso, Judá concordava com seu irmão mais velho e queria persuadir os outros, criando outra opção à morte de José. A segunda possibilidade era que Judá seria ambicioso e procurava ganhar dinheiro com José, saindo no lucro com a sua venda como escravo e o ganho das vinte moedas de prata que seriam divididas entre eles. Essa segunda possibilidade é menos provável, já que Jacó e seus filhos tinham muitas posses.

JOSÉ NO EGITO: DE ESCRAVO A GOVERNADOR NA CASA DE POTIFAR

Chegando ao Egito, José foi comprado por Potifar, que era eunuco do faraó, capitão da guarda. Na casa desse homem, ele exerceu a função de mordomo e fez prosperar o seu senhor em tudo, porque Deus era com ele. Logo, como era jovem e formoso de aparência, a mulher desse oficial se encantou com ele e o desejava sexualmente ao ponto de tentá-lo com convites para se deitar com ela, mas ele se recusava e dizia: *“Eis que, o meu senhor, não sabe do que há em casa comigo, e entregou em minha mão tudo o que tem. Ninguém há maior do que eu nesta casa, e nenhuma coisa me vedou, senão a ti, porquanto tu és sua mulher; como, pois, faria eu tamanha maldade, e pecaria contra Deus?”* (Gênesis 39:8-9).

Podemos observar que José era jovem, tinha desejos sexuais normais, no entanto, a consumação desse delito com a esposa de Potifar, seria um pecado muito sério, que ele não queria cometer, por ser temente a Deus e íntegro. Sobre os desejos sexuais, o apóstolo Paulo escreveu: *“Fugi da prostituição. Todo o pecado que o homem comete é fora do corpo; mas o que se prostitui peca contra o seu próprio corpo”* (I Coríntios 6: 18) e também disse: *“Foge também das paixões da mocidade; e segue a justiça, a fé, o amor, e a paz com os que, com um coração puro, invocam o Senhor”* (II Timóteo 2: 22).

Já a mulher de Potifar era mundana e não temia a Deus, nem respeitava o seu companheiro, já que queria traí-lo com seu servo. A bíblia não fala, mas podemos inferir que essa mulher era muito bela e vaidosa, já que as mulheres egípcias eram vaidosas e bem cuidadas no trato pessoal e na aparência. Imaginamos como foi difícil para José se conter e rejeitar a aparência do mal e a força hormonal da idade. Para José o respeito era fundamental, pois sabia que não podia ter aquela mulher, já que não era casado com ela, isso era adultério. Sobre adultério e prostituição fala o sábio Salomão: *“Porque por causa duma prostituta se chega a pedir um bocado de pão; e a adúltera anda a caça da alma preciosa”* (Provérbios 6: 26) e também diz: *“E eis que uma mulher lhe saiu ao encontro com enfeites de prostituta, e astúcia de coração”* (Provérbios 7: 10) e ainda: *“Porque cova profunda é a prostituta, e poço estreito a estranha”* (Provérbios 23: 27). Era um custo muito alto que José tinha que arcar para se relacionar sexualmente com aquela mulher, por isso, ele optou por ser íntegro, fiel e temente ao Senhor.

A mulher de Potifar, após perceber que não poderia ter relações com José, resolveu armar um plano para incriminá-lo, acusando-o de tentativa de estupro. A estratégia dessa mulher funcionou e fez com que o jovem fosse expulso e preso como relatado: *“E aconteceu que, ouvindo o seu senhor as palavras de sua mulher, que lhe falava, dizendo: Conforme a estas mesmas palavras me fez teu servo, a sua ira se acendeu. E o senhor de José o tomou, e o entregou na casa do cárcere, no lugar onde os presos do rei estavam encarcerados; assim esteve ali na casa do cárcere”* (Gênesis 39: 19-20).

JOSÉ NO CÁRCERE

Na prisão José foi agraciado e conseguiu a simpatia do carcereiro-mor, graças à benção de Deus sobre a vida dele. Logo, esse funcionário real, entregou a administração e os presos para que José cuidasse e o

Senhor era com ele, tudo prosperava em suas mãos. Depois de algum tempo, o padeiro e o copeiro do rei foram presos acusados de infração contra faraó. No cárcere, cada um teve um sonho e José os interpretou, de forma que previu o perdão para o copeiro e a condenação à morte para o padeiro. Após a concretização dos sonhos, José pediu ao copeiro: *“Lembra-te de mim, quando te for bem; e rogo-te que uses comigo de compaixão, e que faças menção de mim a faraó, e faze-me sair desta casa; porque, de fato, fui roubado da terra dos hebreus; e tampouco aqui nada tenho feito para que me pusessem nesta cova”* (Gênesis 40: 14-15). As interpretações dos sonhos que José realizou se concretizaram, mas o copeiro não falou de José ao faraó.

JOSÉ INTERPRETA OS SONHOS DO FARAÓ

Após dois anos que o copeiro foi solto, faraó tem dois sonhos muitos estranhos e que nenhum sábio ou adivinhador do Egito conseguia interpretar. Nesse momento, o copeiro se lembra de José e diz ao rei que conheceu no cárcere um jovem hebreu que interpretava sonhos, pois o mesmo o fez quando ele e o padeiro foram presos e assim aconteceu, conforme o que ele predisse. Faraó manda chamar José e o conta seus sonhos, em seguida ele interpreta da seguinte forma: *“O sonho de Faraó é um só; o que Deus há de fazer mostrou-o ao rei. As sete vacas formosas são sete anos, as sete espigas formosas também são sete anos, o sonho é um só. E as sete vacas feias à vista e magras, que subiam depois delas, são sete anos, e as sete espigas miúdas e queimadas do vento oriental, serão sete anos de fome”* (Gênesis 41: 25-27). E José continuou: *“E eis que vêm sete anos, e haverá grande fartura em toda a terra do Egito. E depois deles levantar-se-ão sete anos de fome, e toda aquela fartura será esquecida na terra do Egito, e a fome consumirá a terra”* (Gênesis 41: 29-30).

E José aconselhou ao rei: *“Portanto, Faraó previna-se agora de um homem entendido e sábio, e o ponha sobre a terra do Egito. Faça isso Faraó*

e ponha governadores sobre a terra, e tome a quinta parte da terra do Egito nos sete anos de fartura, e ajuntem toda a comida destes bons anos, que vêm, e amontoem o trigo debaixo da mão de Faraó, para mantimento nas cidades, e o guardem. Assim serão o mantimento para provimento da terra, para os sete anos de fome, que haverá na terra do Egito; para que a terra não pereça de fome” (Gênesis 41: 33-36). Essas palavras agradaram o faraó, fazendo-o convidar José para ser o governador do Egito: *“Tu estarás sobre a minha casa, e por tua boca se governará todo o meu povo, somente no trono eu serei maior que tu. Disse mais Faraó a José: Vês aqui te tenho posto sobre toda a terra do Egito”* (Gênesis 41: 40-41).

JOSÉ O GOVERNADOR DO EGITO

José tinha trinta anos quando faraó mudou o seu nome para Zafenate-Panéia e lhe deu por mulher Asenate, filha de Potífera, que era sacerdote de Omb. Logo após, o governador começa a sua administração, passando por toda terra do Egito. Começando a guardar mantimentos nos sete anos de fartura. Nessa época nasceram os seus filhos. O primogênito foi chamado de Manasses que significa Deus me fez esquecer e o segundo foi chamado de Efraim que significa o senhor me fez crescer, prosperar.

Nos sete anos de fome o povo começou a ter falta de pão e foram procurar José, a mando do faraó e todos vinham ao Egito para comprar trigo. Com o tempo, ele recolheu muito dinheiro e enriqueceu sobremaneira a faraó. Depois que não havia mais dinheiro, o gado dos egípcios foi trocado por trigo. Quando os egípcios não tinham mais gado, a terra que eles plantavam passou a ser trocada por trigo. Só não foram trocadas as terras que pertenciam aos sacerdotes, porque os mesmos comiam do trigo que tinham dado o rei do Egito. Então,

José instituiu que a quinta parte das colheitas fosse destinada a faraó. E assim José tornou os Egípcios servos de Faraó.

Essa forma capitalista selvagem foi a maneira que o governador do Egito escolheu para explorar aqueles que buscavam do trigo egípcio até que esses estivessem miseravelmente dependentes do estado teocrático, fortalecendo financeiramente a figura política e aristocrática do rei do Egito. Essa foi, obviamente, o aspecto negativo da vida do primogênito de Raquel, que entesourou para o rico faraó, tirando dos pobres camponeses, fazendo lembrar esse versículo: *“O que oprime ao pobre para se engrandecer a si mesmo, ou o que dá ao rico, certamente empobrecerá”* (Provérbios 22: 16).

Obviamente José não ficou pobre materialmente, pois era o mais rico entre os irmãos, mas de certa forma, perdeu no lado espiritual. É certo que José, através da tribo de Efraim, exerceu liderança junto às tribos do Norte e que Judá exerceu liderança nas tribos do sul. Isso se encontra em Ezequiel 37: 19: *“Eis que eu tomarei a vara de José que esteve na mão de Efraim, e a das tribos de Israel, suas companheiras, e as ajuntarei à vara de Judá, e farei delas uma só vara, e elas se farão uma só na minha mão”*. Aqui podemos ver que Deus desejava unificação das tribos, exaltando a liderança da tribo de Judá: *“tomarei de José e das outras tribos e ajuntarei a Judá”*.

Também se pode observar que apesar de José ter sido o primogênito na sucessão, Judá também teve benção semelhante de primogenitura e teve a promessa mais importante, já que o rei era tido como o ungido do Senhor e o Messias viria da sua linhagem, como está escrito: *“Porque Judá foi poderoso entre seus irmãos, e dele veio o soberano; porém a primogenitura foi de José”* (I Crônicas 5: 2). É certo que a benção que Jacó impetrou a Judá foi maior que a demandada a José, pois a mesma ultrapassou o plano material, abrangendo o lado espiritual: *“O cetro não se arredará de Judá, nem o legislador dentre seus pés, até que venha Siló”*. Aqui podemos ver que reis viriam dessa descendência (Davi, Salomão

e Roboão), além de autoridades produtoras de leis (legisladores) e o Siló (Messias), Jesus Cristo. Já na tribo de José, os seus descendentes da tribo de Efraim se perderam na idolatria e na falta de lealdade com as outras tribos (II Crônicas 25: 5-8 e Oséias 4: 17).

JACÓ MANDA SEUS FILHOS COMPRAREM TRIGO NO EGITO

Vendo Jacó que estava faltando mantimentos em sua casa, mandou seus filhos irem ao Egito comprar trigo. Então os seus dez filhos partiram em viagem, deixando Benjamim que era bem jovem, pois seu pai temia que lhe sucedesse algum desastre. Quando chegaram ao Egito, José era o governador e os reconheceu, porém eles não o reconheceram. Então José fala asperamente com eles: *“De onde vindes?”* E eles disseram: *“Da terra de Canaã, para comprarmos mantimento”* (Gênesis 42: 7). Depois disso, José os acusa de serem espias e que vieram observar a terra e eles disseram que não era verdade. Na sequência os irmãos falam: *“Todos nós somos filhos de um mesmo homem; somos homens de retidão; os teus servos não são espias”* (Gênesis 42: 11). E falaram mais: *“Nós, teus servos, somos doze irmãos, filhos de um homem na terra de Canaã; e eis que o mais novo está com nosso pai hoje; mas um já não existe”* (Gênesis 42: 13). José fingiu não acreditar, ordenou que eles fossem a casa e trouxessem Benjamim para provar que não eram espias e prendeu Simeão como garantia até o retorno deles.

OS IRMÃOS DE JOSÉ RETORNAM DO EGITO SEM SIMEÃO

Os irmãos de José voltaram à terra de Canaã, mas perceberam no caminho que o dinheiro da compra do trigo estava na boca do saco e

temeram e disseram: *“Que é isto que Deus nos tem feito? E vieram para Jacó, seu pai, na terra de Canaã; e contaram-lhe tudo o que lhes aconteceu”* (Gênesis 42: 28-29). Depois disseram a Jacó que o homem do Egito (José) tenha ordenado que eles trouxessem Benjamim para provar que não eram espias. Em seguida seu pai respondeu: *“Tendes-me desfilhado; José já não existe e Simeão não está aqui; agora levareis a Benjamim. Todas estas coisas vieram sobre mim”* (Gênesis 42: 36). E Rubem tomando a palavra assumiu a responsabilidade e disse que se acontecesse algum mal a Benjamim, que o pai podia matar os seus dois filhos. Então Jacó respondeu, naquele momento, que o seu caçula não desceria com eles ao Egito.

OS IRMÃOS DE JOSÉ VOLTAM AO EGITO NA COMPANHIA DE BENJAMIM

O tempo se passou e a família estava prestes a ficar sem mantimentos novamente. Então Jacó manda seus filhos voltarem ao Egito para comprar trigo. Mas Judá disse que não voltariam se Benjamim não fosse com eles, já que a condição seria levarem o caçula para provarem que não eram espias e libertarem Simeão. O pai fica relutante, então Judá se responsabilizou dizendo: *“Eu serei fiador por ele, da minha mão o requererás; se eu não o trouxer, e não o puser perante a tua face, serei réu de crime para contigo para sempre e se não nos tivéssemos detido, certamente já estaríamos segunda vez de volta”* (Gênesis 43: 9-10). Então Jacó permitiu que Benjamim fosse com eles, deu o dinheiro dobrado, presentes para o varão do Egito e os abençoou dizendo: *“E Deus Todo-Poderoso vos dê misericórdia diante do homem, para que deixe vir convosco vosso outro irmão, e Benjamim; e eu, se for desfilhado, desfilhado ficarei”* (Gênesis 43: 14).

Ao chegarem ao Egito com Benjamim, José os convidou para comerem com ele em sua casa ao meio dia. Ao chegarem à casa de José

com o varão que os acompanhava, eles disseram que tinham presentes para entregar, falaram que tinham trazido o dinheiro do trigo em dobro, porque o pagamento anterior havia sido devolvido e Simeão foi solto. Em seguida, eles comeram com José e se maravilharam, porque a mesa tinha sido posta em ordem do nascimento deles e a porção dada a Benjamim foi cinco vezes maior.

Após a refeição, eles compraram o trigo e seguiram viagem de retorno a Canaã. Mas José deu ordem para que o dinheiro fosse devolvido e que o seu copo de prata fosse colocado no saco de Benjamim sem que os irmãos percebessem. Quando estavam a caminho, foram alcançados pelo mordomo de José que repetiu as palavras que ele tinha falado para serem ditas: *“Por que pagastes mal por bem? Não é este o copo em que bebe meu senhor e pelo qual bem adivinha? Procedestes mal no que fizestes”* (Gênesis 44: 4-5). Os irmãos alegaram inocência, mas ao inspecionarem os sacos, o copo foi encontrado no saco de Benjamim.

Ao voltarem ao Egito, ficaram novamente na presença de José que falou: *“Que é isto que fizestes? Não sabeis vós que um homem como eu pode, muito bem, adivinhar?”* (Gênesis 44: 15). Então Judá de forma humilde faz a defesa dos irmãos e suplica que Benjamim seja liberto e volte com eles, porque senão seu pai morreria e que ele garantiu o retorno do jovem e completa: *“Agora, pois, fique teu servo em lugar deste moço por escravo de meu senhor, e que suba o moço com os seus irmãos. Porque, como subirei eu a meu pai, se o moço não for comigo? para que não veja eu o mal que sobrevirá a meu pai”* (Gênesis 44: 33-34).

Diante da fala de Judá, José já estava muito comovido, pediu que todos saíssem para ficar a sós com os irmãos e se deu a conhecer. Foi uma cena emocionante, com choros e abraços e disse José: *“Eu sou José vosso irmão, a quem vendestes para o Egito. Agora, pois, não vos entristeçais, nem vos pese aos vossos olhos por me haverdes vendido para cá; porque para conservação da vida, Deus me enviou adiante de vós. Porque já houve dois anos de fome no meio da terra, e ainda restam cinco anos*

em que não haverá lavoura nem sega. Pelo que Deus me enviou adiante de vós, para conservar vossa sucessão na terra, e para guardar-vos em vida por um grande livramento. Assim não fostes vós que me enviastes para cá, senão Deus, que me tem posto por pai de Faraó, e por senhor de toda a sua casa, e como regente em toda a terra do Egito. Apressai-vos, e subi a meu pai, e dizei-lhe: Assim tem dito o teu filho José: Deus me tem posto por senhor em toda a terra do Egito; desce a mim, e não te demores; E habitarás na terra de Gósen, e estarás perto de mim, tu e os teus filhos, e os filhos dos teus filhos, e as tuas ovelhas, e as tuas vacas, e tudo o que tens” (Gênesis 45: 4-10).

Em seguida, José abraça o seu irmão caçula e ambos choram copiosamente. Com essa atitude José demonstra amor e respeito pelos irmãos, mesmo não esquecendo o que eles fizeram com ele. O governador do Egito libera o perdão e paga o mal com o bem, mostrando que os caminhos dele foram traçados por Deus para a preservação da sua família. Os irmãos ficam espantados com a declaração de José e ao mesmo tempo temerosos por represálias, mas José não tem ódio no coração, nem rancor, mas o desejo de cumprir a vontade de Deus, e com isso, ajudar e preservar a sua parentela.

Após esse encontro emocionante de união familiar, o faraó soube que a família de José estava em seu território e também os convida para morarem no Egito. E disse-lhes o rei: *“Fazei isto: carregai os vossos animais e parti, tornai à terra de Canaã. E tornai a vosso pai, e às vossas famílias, e vinde a mim; e eu vos darei o melhor da terra do Egito, e comereis da fartura da terra. A ti, pois, é ordenado: Fazei isto: tomai-vos da terra do Egito carros para vossos meninos, para vossas mulheres, e para vosso pai, e vinde. E não vos pese coisa alguma dos vossos utensílios; porque o melhor de toda a terra do Egito será vosso” (Gênesis 45: 17-20).* E a família de Jacó aceitou o convite de José e do faraó e foi morar no Egito na terra de Gósen.

JACÓ E SUA FAMÍLIA MIGRAM PARA O EGITO

E partiu Israel (Jacó) com todos seus bens para o Egito. Quando estava em Berseba, o Senhor falou com ele e disse: *“Eu sou Deus, o Deus de teu pai; não temas descer ao Egito, porque eu te farei ali uma grande nação. E descerei contigo ao Egito, e certamente te farei tornar a subir, e José porá a sua mão sobre os teus olhos”* (Gênesis 46: 3-4). Com essas palavras, Jacó seguiu viagem confiando que Deus continuaria abençoando sua família no Egito. E finalmente Jacó chega ao Egito como retratado no texto bíblico: *“Todas as almas que vieram com Jacó ao Egito, que saíram dos seus lombos, fora as mulheres dos filhos de Jacó, todas foram sessenta e seis almas. E os filhos de José, que lhe nasceram no Egito, eram duas almas. Todas as almas da casa de Jacó, que vieram ao Egito, eram setenta”* (Gênesis 46: 26-27).

O encontro de Jacó com José foi emocionante e intermediado por Judá, o representante do seu pai. Está no texto: *“Então José aprontou o seu carro, e subiu ao encontro de Israel, seu pai, a Gósen. E, apresentando-se, lançou-se ao seu pescoço, e chorou sobre o seu pescoço longo tempo. E Israel disse a José: Morra eu agora, pois já tenho visto o teu rosto, que ainda vives. Depois disse José a seus irmãos, e à casa de seu pai: Eu subirei e anunciarei a Faraó, e lhe direi: Meus irmãos e a casa de meu pai, que estavam na terra de Canaã, vieram a mim!”* (Gênesis 46: 29-31).

O faraó recebeu muito bem a família de Jacó. Em seguida, o patriarca abençoou o rei do Egito. Então José deu terras aos seus parentes e sustentou de pão toda sua família que chegou para habitar naquela terra.

JACÓ ADOECE E JOSÉ E SEUS FILHOS VÃO VISITÁ-LO

Depois de 17 anos que Jacó estava morando no Egito, fica doente e José vai visitá-lo na companhia dos seus filhos Manasses e Efraim.

Nesse momento, Jacó fala da promessa de Deus em abençoar a semente dele e diz: *“Agora, pois, os teus dois filhos, que te nasceram na terra do Egito, antes que eu viesse a ti no Egito, são meus: Efraim e Manasses serão meus, como Rubem e Simeão”* (Gênesis 48: 5). Em seguida abençoa os netos colocando as mãos sobre as cabeças deles, a mão direita sobre a cabeça de Efraim e a mão esquerda sobre a cabeça de Manasses e disse: *“O Deus, em cuja presença andaram os meus pais Abraão e Isaque, o Deus que me sustentou, desde que eu nasci até este dia. O anjo que me livrou de todo o mal abençoe estes rapazes, e seja chamado neles o meu nome, e o nome de meus pais Abraão e Isaque, e multipliquem-se como peixes, em multidão, no meio da terra”* (Gênesis 48: 15-16). José quis trocar a mão de Jacó, fazendo a direita repousar sobre a cabeça de Manasses, que era o primogênito, mas seu pai não permitiu e falou: *“Eu o sei, meu filho, eu o sei; também ele será um povo, e também ele será grande; contudo o seu irmão menor será maior que ele, e a sua descendência será uma multidão de nações”* (Gênesis 48: 19).

OS DESCENDENTES DE JOSÉ

Nasceram de José na terra do Egito, Manasses e Efraim, (Gênesis 46: 20). Efraim teve Elisama, filho de Amiúde e Manasses gerou Gamaliel, filho de Pedazur (Números 1: 10). No censo de Moisés foram contados da tribo de Efraim, quarenta mil e quinhentos e de Manasses, trinta e dois mil e duzentos. (Números 1: 33-35).

AS TRIBOS DE MANASSES E EFRAIM

“E chamou José ao primogênito Manasses, porque disse: Deus me fez esquecer de todo o meu trabalho, e de toda a casa de meu pai” (Gênesis 41: 51).

“E ao segundo chamou Efraim; porque disse: Deus me fez crescer na terra da minha aflição” (Gênesis 41: 52).

Manasses foi o primogênito de José que ele teve com Azenate, filha de Potífera que era sacerdote de Om. O segundo Filho foi chamado Efraim. Esses filhos de José foram dados a Jacó para fazerem parte das tribos como está escrito: *“Agora, pois, os teus dois filhos, que te nasceram na terra do Egito, antes que eu viesse a ti no Egito, são meus: Efraim e Manasses serão meus, como Rubem e Simeão”* (Gênesis 48: 5). Com isso, Jacó quis dizer que a perpetuação da sua descendência seria através dos dois filhos de José. As doze tribos são: Rubem, Simeão, Judá, Zebulom, Issacar, Dã, Gade, Aser, Naftali, Benjamim, Manasses e Efraim. A tribo de Levi não foi contada, por causa da sua missão espiritual. A tribo de José foi dividida em duas correspondentes aos seus dois filhos.

Outro fato interessante é que Jacó dispensou uma bênção maior em Efraim, dizendo que o mesmo seria maior em número que o Manasses, o primogênito de José. De fato, isso ocorreu como vemos no censo de Moisés no qual a tribo de Efraim era maior em número (Números 1: 33-35).

O JUIZ GIDEÃO FOI UM ILUSTRE DESCENDENTE DE JOSÉ

A história dos juízes de Israel é um ciclo que se repete. Na ausência de um líder, o povo se corrompia e fazia o que era mau perante o Senhor, Deus permitia que eles sofressem e fossem castigados, em seguida eles clamavam por misericórdia e pediam por um libertador. Então, o Senhor levantava um juiz para libertar o povo da opressão. Mas depois da morte do Juiz, as pessoas voltavam a praticar delitos que não agradavam a Deus. Isso se repetiu por várias vezes.

Em uma dessas vezes, os midianitas e amalequitas estavam por sete anos oprimindo os filhos de Israel. Esses povos vizinhos queimavam os frutos da terra e matavam os animais, não deixando sustento para o povo. Então com o clamor da população, Deus levantou um líder. O juiz escolhido foi Gideão, que era descendente de uma família pobre de Manasses, o mais novo entre seus irmãos, filho de Joás. Gideão foi escolhido por Deus e começou derrubando o altar de Baal e pedindo confirmação divina para seu chamado. O Senhor assim o fez como está Juízes 6. 36-38: *“Se hás de livrar a Israel por minha mão, como disseste. Eis que eu porei um velo de lã na eira; se o orvalho estiver somente no velo, e toda a terra ficar seca, então conhecerei que hás de livrar a Israel por minha mão, como disseste. E assim sucedeu; porque no outro dia se levantou de madrugada, e apertou o velo; e do orvalho que espremeu do velo, encheu uma taça de água”*.

Após entender que Deus era com ele para lhe dar vitória, Gideão com trezentos homens vence os midianitas como está escrito: *“Tocando, pois, os trezentos as buzinas, o SENHOR tornou a espada de um contra o outro, e isto em todo o arraial, que fugiu para Zererá, até Bete-Sita, até aos limites de Abel-Meolá, acima de Tabate. Então os homens de Israel, de Naftali, de Aser e de todo o Manasses foram convocados, e perseguiram aos midianitas”* (Juízes 7: 22-23). Depois da vitória de Gideão, o povo quis fazê-lo governar, mas ele não aceitou. Ao longo da vida esse juiz teve setenta filhos, pois possuía muitas mulheres e morreu em boa velhice.

CAPÍTULO 12
**O SEGUNDO FILHO DE
RAQUEL, O CAÇULA
DE JACÓ: BENJÁMIM**

“Benjamim é lobo que despedaça; pela manhã comerá a presa, e à tarde repartirá o despojo” (Gênesis 49: 27).

Benjamim foi o segundo filho de Raquel, mas durante o parto a sua mãe faleceu. Por isso, antes de morrer a esposa preferida de Jacó queria que ele se chamasse Benone que significa filho da minha dor, mas Jacó não permitiu. Por ser o caçula era o protegido do pai como podemos ver: *“A Benjamim, porém, irmão de José, não enviou Jacó com os seus irmãos, porque dizia: Para que lhe não suceda, porventura, algum desastre”* (Gênesis 42: 4).

BENJAMIM NÃO ESTAVA COM SEUS IRMÃOS QUANDO JOSÉ FOI VENDIDO COMO ESCRAVO

Estavam os seus dez irmãos reunidos, apascentando o gado, quando José recebeu ordem de Jacó para ver como estavam o gado e os irmãos. Provavelmente Benjamim não ficou sabendo do que realmente ocorreu com José e nem sobre a mentira da sua morte. O que se imagina é que deve ter sentido bastante à falta do seu irmão imediatamente mais velho. Também não foi ao Egito na primeira vez para comprar trigo, já que José solicitou a sua presença como prova de que seus irmãos não eram espias. O texto bíblico relata que quando disseram que o homem do Egito pediu a presença do irmão mais novo, Jacó retruca: *“Tendes-me desfilhado; José já não existe e Simeão não está aqui; agora levareis a Benjamim. Todas estas coisas vieram sobre mim”* (Gênesis 42: 36).

BENJAMIM NO EGITO

Sabemos que Jacó permitiu que os filhos levassem Benjamim na segunda ida ao Egito, graças às falas de Rubem e Judá que se

responsabilizaram na tutela do garoto durante a viagem ao Egito e conseguiram trazer o jovem a salvo a casa. Foi o que ocorreu, apesar de José ter ameaçado prender Benjamim no Egito, após armação de suposto roubo de uma taça de prata que foi colocada nos pertences do caçula para incriminá-lo falsamente. No entanto, tudo isso foi uma estratégia de José para atrasar a volta dos irmãos e com isso, revelar a sua identidade a eles. Benjamim era o irmão mais amado por José, como prova do seu carinho pelo irmão a bíblia registra: *“E José apressou-se, porque as suas entranhas comoveram-se por causa do seu irmão, e procurou onde chorar; e entrou na câmara, e chorou ali. Depois lavou o seu rosto, e saiu; e conteve-se, e disse: Ponde pão”* (Gênesis 43: 30-31).

Também José dispôs uma porção de comida cinco vezes maior para Benjamim durante a refeição que fez para seus irmãos. Oferecer uma quantidade maior de alimentos para alguém era sinal de amor, apreço e simpatia. Foi o caso do sacerdote Elcana que oferecia uma maior e melhor porção de comida a Ana que a sua outra esposa Penina.

Quando revelou a sua identidade, foi Benjamim que ele mais demonstrou sentimentos: *“E lançou-se ao pescoço de Benjamim seu irmão, e chorou; e Benjamim chorou também ao seu pescoço. E beijou a todos os seus irmãos, e chorou sobre eles; e depois seus irmãos falaram com ele”* (Gênesis 45: 14-15). Por último, deu mais presentes ao seu irmão mais novo: *“A todos lhes deu, a cada um, mudas de roupas; mas a Benjamim deu trezentas peças de prata, e cinco mudas de roupas”* (Gênesis 45: 22).

DESCENDENTES DE BENJAMIM

E os filhos de Benjamim foram: Belá, Bequer, Asbel, Gera, Namã, Eí, Rôs, Mupim, Hupim e Arde. (Gênesis 46: 21). No censo de Moisés foram contados da tribo de Benjamim, trinta e cinco mil e quatrocentos. (Números 1: 37). Essa tribo tem descendentes ilustres como o rei Saul e o apóstolo Paulo de Tarso.

O rei Saul foi o primeiro monarca que o profeta Samuel ungiu para governar o povo. Esse benjamita começou bem, pois o Senhor mudou coração dele. Mas com o tempo começou a desobedecer, obrigando a Samuel ter de consagrar outro rei, aquele que seria um homem segundo o coração de Deus, o rei Davi.

Já Saulo (o grande) foi fariseu e perseguidor da igreja de Cristo, mas se tornou Paulo (o pequeno) seguidor de Jesus e perseguido pelos romanos e religiosos judeus. Foi também o maior escritor de cartas no novo testamento, além do maior missionário de sua época e grande iniciador de igrejas.

Os benjamitas são também marcados pela crueldade, falta de arrependimento e corporativismo. Conta-se que a concubina de um levita foi abusada sexualmente até a morte por descendentes da tribo de Benjamim que moravam nas proximidades de Gibeá. O levita dividiu o corpo da mulher violentada e morta em doze pedaços para as tribos e depois explicou o ocorrido para representantes das tribos. E as tribos de Israel enviaram homens por toda a tribo de Benjamim, dizendo: *“Que maldade é esta que se fez entre vós? Dai-nos, pois, agora aqueles homens, filhos de Belial, que estão em Gibeá, para que os matemos, e tiremos de Israel o mal. Porém os filhos de Benjamim não quiseram ouvir a voz de seus irmãos, os filhos de Israel. Antes os filhos de Benjamim se ajuntaram das cidades em Gibeá, para saírem a pelejar contra os filhos de Israel”* (Juízes 20: 12-14).

A tribo de Benjamim tinha homens valentes ao ponto de *“atirarem com a funda uma pedra em um cabelo, e não erravam”* (Juízes 20: 16). Foi uma guerra cruel com muitas baixas de ambos os lados. As duas primeiras batalhas foram vencidas pelos benjamitas, porém na terceira batalha Israel arrasou o exército de Benjamim, sobrando alguns homens em torno de seiscentos que fugiram para o deserto de Rimom e ficaram ali por quatro meses. Também os homens de Israel invadiram a cidade e mataram tudo ao fio da espada, velhos, mulheres, crianças e os animais.

Os homens de Israel se arrependeram do que fizeram e disseram: *“E disseram: Ah! Senhor Deus de Israel, por que sucedeu isto, que hoje falte uma tribo em Israel?”* (Juízes 21:3). Os homens de Israel também juraram que não dariam suas filhas por mulheres aos benjamitas (Juízes 21: 1). Terminaram conseguindo quatrocentas mulheres de Jabes-Gileade que não tinham sido mortas, porém estas ainda não lhes bastaram (Juízes 21: 14). *“E disseram aos sobreviventes de Benjamim: “Ide, e emboscai-vos nas vinhas”. E olhai, e eis aí as filhas de Siló a dançar em rodas, sai vós das vinhas, e arrebatái cada um sua mulher das filhas de Siló, e ide-vos à terra de Benjamim. E será que, quando seus pais ou seus irmãos vierem a litigar conosco, nós lhes diremos: Por amor de nós, tende compaixão deles, pois nesta guerra não tomamos mulheres para cada um deles; por que não lhes destes vós, para que agora ficassem culpados. E os filhos de Benjamim o fizeram assim, e levaram mulheres conforme ao número deles, das que arrebataram das rodas que dançavam; e foram-se, e voltaram à sua herança, e reedificaram as cidades, e habitaram nelas”* (Juízes 21: 20-23).

Vejam que cena triste e negativa da história do povo de Deus. Os benjamitas poderiam ter agido da forma correta, entregando os homens de Belial que fizeram o mal a concubina do levita, mas preferiram declarar guerra aos seus irmãos. Com isso, quase foram excluídos da face da terra. Essa carnificina poderia ter sido evitada se eles fossem prudentes e tementes a Deus naquele momento da história.

O filho caçula de Jacó teve uma vida muito apática na história bíblica contada no Pentateuco, mas seus descendentes marcaram episódios com influências paradoxas, de um lado positiva e marcante e de outro lado detestável e vergonhosa para serem lembradas.

CONCLUSÃO

Rubem, o primogênito de Jacó, apesar de ter tido atitudes louváveis, falhou de forma grave, deitando-se com a concubina de seu pai, cometendo incesto e isso não foi esquecido pelo patriarca. O adultério com Bila foi um pecado grave que causou a perda do patriarcado e primogenitura a esse filho. A tribo de Rubem se tornou em uma das mais insignificantes da história de Israel, além disso, nenhum líder militar, profeta juiz ou personalidade de projeção partiu dessa descendência.

Simeão e Levi foram os irmãos que levantaram a espada com violência e vingança. Naquele episódio, esses filhos de Jacó vingaram a honra de Diná, sua irmã, matando todos os homens de Siquém. A consequência na tribo de Simeão foi visível, pois se tornou a menor no censo realizado por Moisés em números 26: 14. Também na bênção proferida por Moisés em Deuteronômio 33: 8 teve a omissão do nome de seus descendentes, mas depois foi incorporada ao território com Judá com está relatado em Josué 19: 1-19. A tribo de Levi não teve o direito à primogenitura nem ao patriarcado, mas foi escolhida para o sacerdócio, não recebeu herança, pois o Senhor foi a sua herança. A escolha dessa tribo não se deu por merecimento, mas pela graça de Deus, de sua imanência e talvez de sua preocupação em restaurar o ato de violência nessa raiz de Jacó.

Judá foi o mais abençoado por Deus em sua descendência e também recebeu a bênção semelhante à primogenitura e ao patriarcado. A bênção proferida a esse filho foi a segunda mais longa e extrapolou a esfera material, com promessas espirituais e de liderança de todas as tribos. De fato, depois que José foi vendido como escravo, Judá se tornou um porta voz de Jacó, como podemos ver na articulação que ele teve no Egito. Esse homem, de humildes e sábias palavras, convenceu os seus irmãos a venderem José como escravo para não o matarem. Mais à frente, os hebreus passaram a ser chamados de Judeus em derivação ao seu nome. Em sua descendência nasceram reis como Davi e Salomão e

o Messias, filho de Deus, fez parte simbólica dessa genealogia, pois o carpinteiro José que se casou com Maria fazia parte dessa tribo. Após a morte de Salomão, as doze tribos se dividiram em tribos do Norte e tribos do Sul. As tribos do Norte foram formadas por 10 tribos, sendo chamadas de Israel com capital em Samaria. As tribos do Sul foram formadas por duas tribos (Judá e Benjamim), sendo chamadas de Judá com capital em Jerusalém. As tribos do Sul, apesar de vacilantes algumas vezes, foram as que tiveram reis que faziam o que era reto aos olhos de Deus como: Ezequias, Asa, Josias e Josafá. As tribos do Norte, lideradas pelos descendentes de José, enveredaram na idolatria e se distanciaram de *Yahweh*, levando a ruína a sua hegemonia pela decadência moral e espiritual.

As concubinas Bila e Zilpa tiveram dois filhos cada uma, que foram: Dã, Naftali, Gade e Aser. Esses são pouco abordados nos textos bíblicos, mas podemos ter uma ideia da pouca significância deles na história de Israel e a benção de Jacó sobre eles foi bem resumida e simples, mostrando que eles não seriam os mais importantes. No entanto, apesar da menção vaga, podemos entender que esses quatro filhos não tinham boa fama e os erros deles chegavam aos ouvidos do patriarca, através do filho preferido José, que apascentava as ovelhas na companhia deles.

Issacar e Zebulom foram o quinto e sexto filhos de Léia, a esposa rejeitada de Jacó. Esses dois filhos também são pouco citados na bíblia. De fato, não foram escolhidos como primogênitos na sucessão. No caso de Issacar, essa tribo estava situada ao norte, numa região fértil. Para sobreviver nessa região de Canaã, esse grupo teve que se incorporar aos habitantes locais da região, buscando trabalhar ao lado da sociedade Cananéia. Nesse caso, a benção de Jacó foi concordante: *“Issacar é jumento de fortes ossos, deitado entre dois fardos. E viu ele que o descanso era bom, e que a terra era deliciosa e abaixou seu ombro para acarretar, e serviu debaixo de tributo”* (Gênesis 49: 14-15). No caso de

Zebulom, o comércio marítimo era a principal ocupação em parceria com os fenícios. Viviam ao norte e tinha proximidade com a tribo de Issacar, celebravam juntas nas proximidades da planície de Jezrael, no santuário de Tabor. Não tiveram a benção da primogenitura de Jacó.

José foi o filho primogênito de Raquel, esposa preferida de Jacó. Também foi o filho que Jacó mais gostava, era obediente e leal ao patriarca. Foi vendido como escravo por seus irmãos, mas Deus tornou esse mal em benção para ele e para o futuro da descendência do seu pai. O governador do Egito recebeu a benção mais extensa de Jacó, benção de primogenitura e de patriarcado, como registrado em I Crônicas 5: 1-2: *“Quanto aos filhos de Rubem, o primogênito de Israel (pois ele era o primogênito; mas porque profanara a cama de seu pai, deu-se a sua primogenitura aos filhos de José, filho de Israel; de modo que não foi contado, na genealogia da primogenitura, Porque Judá foi poderoso entre seus irmãos, e dele veio o soberano; porém a primogenitura foi de José)”*. Os seus descendentes exerceram liderança nas tribos do Norte, mas se perderam na falta de lealdade e na idolatria da tribo de Efraim e Manasses. José foi muito próspero e as suas riquezas não foram herdadas de Jacó, mas geradas no Egito, fruto da sua ascensão de escravo a governador do Egito. Realmente José enriqueceu sobremaneira o Faraó, tornando os ribeirinhos do Nilo em servos do rei do Egito. A prosperidade material dos descendentes de José não foi acompanhada por crescimento espiritual e isso, resultou em consequências graves para essa tribo.

Benjamim foi o caçula de Jacó e Raquel. O seu nascimento foi marcado pela dor, perda e sofrimento, pois a sua mãe faleceu por consequência do parto difícil. Por ser o mais novo existem relatos de mimos e cuidados maiores com ele em relação aos outros filhos. Benjamim teve uma vida muito apática na história bíblica contada no Pentateuco, mas seus descendentes marcaram episódios com influências paradoxas, de um lado positiva e marcante (apóstolo Paulo)

e de outro lado detestável e vergonhosa para serem lembradas (o rei Saul e guerra dos benjamitas contra as outras tribos). Sobre ele Jacó proferiu a bênção: *“Benjamim é lobo que despedaça; pela manhã comerá a presa, e à tarde repartirá o despojo”* (Gênesis 49: 27).

Deus foi fiel em sua promessa proferida a Abraão, passando por Isaque, Jacó, José, Judá e os demais filhos e netos de Israel. Como está escrito: *“Saberás, pois, que o Senhor, ele é Deus, o Deus fiel, que guarda a aliança e a misericórdia até mil gerações aos que o amam e guardam os seus mandamentos”* (Deuteronômio 7: 9). Podemos observar que *Yahweh* manteve a sua palavra mesmo diante das falhas observadas nas vidas desses homens, para que Seu plano fosse realizado, no sentido de conduzir a humanidade até o Seu Filho, numa expressão máxima de amor que desde o primeiro patriarca se almejava: *“E em tua descendência serão benditas todas as nações da terra; porquanto obedeceste à minha voz”* (Gênesis 22: 18). O Amor de Deus alcançou os gentios, o patriarcado e primogenitura deram lugar, a justificação pela graça e ao novo nascimento. A promessa de salvação foi concretizada a todos os que creem e obedecem a palavra, não somente de descendência humana, mas da herança espiritual, adquirida pelo sacrifício de Cristo na cruz. Nós podemos ser aceitos, através da adoção de filhos que clama: “Aba Pai”.

O Senhor escolheu Israel como seu povo e ao longo do antigo testamento existem muitos textos que ratificam as bênçãos de *Yahweh* sobre os descendentes de Jacó. A opção divina não foi baseada no merecimento, pois sabemos que muitas vezes eles foram rebeldes e contradizentes (Romanos 10: 21). A escolha foi baseada nas misericórdias que o Senhor queria ter quando disse a Moisés da tribo de Levi: *“Eu farei passar toda a minha bondade por diante de ti, e proclamarei o nome do Senhor diante de ti; e terei misericórdia de quem eu tiver misericórdia, e me compadecerei de quem eu me compadecer”* (Êxodo 33: 19).

Hoje, Deus continua abençoando os seus filhos, tanto judeus como gentios, aqueles que em meio aos conflitos externos e internos,

as lutas de cada dia, ao pecado, a fraqueza, o desânimo, continuam tendo fé em Jesus Cristo, testemunhando as grandezas do Pai, superando desafios da vida, pregando as verdades eternas e evangelizando o mundo ao seu redor. Pois, a maior riqueza que se pode herdar de Deus não é o patriarcado ou a primogenitura, mas sim a vida eterna. Por isso, devemos servir ao Senhor em primeiro lugar e as nossas necessidades serão supridas. Fazendo assim, estaremos contribuindo na construção do reino de Deus aqui na terra e que se continuará na eternidade quando estivermos na glória com Cristo.

Jesus Cristo é o filho único de Deus, o primogênito de toda criação e através dEle somos aceitos pelo Pai. A ira do Criador é aplacada quando Ele olha para nós e nos identifica como pertencentes ao Seu Filho, que é a expressão máxima do Seu amor pela humanidade e pela criação. Como está escrito em Romanos 8: 15: *“Porque não recebestes o espírito de escravidão, para outra vez estardes em temor, mas recebestes o Espírito de adoção de filhos, pelo qual clamamos: Aba, Pai”*. Ainda registra a soberania do Filho em Colossenses 1: 15-19: *“O qual é imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação. Porque nele foram criadas todas as coisas que há nos céus e na terra, visíveis e invisíveis, sejam tronos, sejam dominações, sejam principados, sejam potestades. Tudo foi criado por ele e para ele. E ele é antes de todas as coisas, e todas as coisas subsistem por ele. E ele é a cabeça do corpo, da igreja; é o princípio e o primogênito dentre os mortos, para que em tudo tenha a preeminência. Porque foi do agrado do Pai que toda a plenitude nele habitasse”*. Aleluias! Jesus é o melhor de Deus, pois Ele é o próprio Criador, o verdadeiro primogênito e o patriarca eterno. Os salvos recebem a dádiva pela graça, mas o Filho a teve por merecimento, pela obediência, pela submissão, pela exaltação ao Pai e por nunca ter pecado.

REFERÊNCIAS

Andrade-Júnior, R. R. **A tribo de Issacar: Uma tribo de assalariados**. Universidade Metodista de São Paulo. Faculdade de Humanidades e Direito. Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião. Dissertação de Mestrado, 2012. Disponível em: <http://tede.metodista.br/jspui/bitstream/tede/226/1/Roberto%20Rodrigues.pdf>. Acesso em: 19 de janeiro de 2021.

AQUINO, R. A Porneia na compreensão de Paulo a partir de 1 CO 6.12-20. **Azusa – Revista de Estudos Pentecostais**. p. 1-36. 2011. Disponível em: https://www.ceeduc.edu.br/volume2numero2/5_rvista_julho_2011rodrigo.pdf. Acesso em: 30 de dez. de 2020.

BEZERRA, J. **Fenícios: localização, religião, economia e política. Toda matéria**. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/fenicios/>. Acesso em 21 de jan. 2021.

Bíblia de Estudo Plenitude. Traduzida para o Português por João Ferreira de Almeida. Edição Revista e Corrigida. Sociedade Bíblica do Brasil: Baurer - SP. 2001. 1632 p.

Bíblia Sagrada: Antigo e Novo Testamentos. Traduzida para o Português por João Ferreira de Almeida. Edição Corrigida, Fiel ao texto original. 2004.

GASDA, E. Tráfico de pessoas na Sagrada Escritura. **Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, Brasília, Ano XXI, n. 41, p. 189-203, jul./dez. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/remhu/v21n41/10.pdf>. Acesso em: 25 de jan. 2021.

GLAS, N. Temperamentos: A face revela a pessoa. **Arte Médica Ampliada**, v. 33, n. 1, p. 8-23. jan/fev/mar. 2013. Disponível em: <http://abmanacional.com.br/arquivo/30b59bc4198b1265fb909ed71ebab9efc7423396-33-1-fa-ce-revela-a-pessoa-temperamentos.pdf>. Acesso em 22 de jan. 2021.

ITO, P. C. P.; GUZZO, R. S. L. Diferenças individuais: Temperamento e personalidade. **Estudos de Psicologia**, v. 19, n. 1, p. 91-100. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/estpsi/v19n1/a08.pdf>. Acesso em: 21 de jan. 2021.

JOSÉ, S. D. S. **O Anticristo do Apocalipse Siríaco de Daniel**. Monografia (Bacharel em História) – Instituto de Ciências Humanas, Departamento de História, Universidade de Brasília, Brasília, 42 p. 2013. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/5666/1/2013_SaraDaianedaSilvaJos%C3%A9.pdf. Acesso em: 9 de jun. de 2021.

MACARTHUR, J. **Comentário Bíblico MacArthur: Desvendando as verdades de Deus, versículo a versículo**. Tradução de Eduardo Mano (et al.) – Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil. 2019. 2048 p.

MORAES, R. P. A subversão da primogenitura no antigo testamento como fator desagregador entre o Javismo e a cultura Hebraica. In: **Anais Eletrônicos do V Colóquio de História “Perspectivas Históricas: historiografia, pesquisa e patrimônio”**. Luiz C. L. Marques (Org.). Recife, p. 1071-1082. 2011. ISSN: 2176-9060. Disponível em: <http://www.unicap.br/coloquiodehistoria/wp-content/uploads/2013/11/5Col-p.1071-1082.pdf>. Acesso em 30 de dezembro de 2020.

MORAES, R. P. **O direito de primogenitura no antigo testamento, à luz das narrativas sobre Esaú e Jacó (Gn 25.19-34 e 27.1-45)**. Dissertação (mestrado). Escola Superior de Teologia. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2012. Disponível em: http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/283/1/moraes_rp_tm248.PDF. Acesso em: 21 de jan. 2021.

SCOTT, J. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica**. Recife: S.O.S. Corpo, 1991.

SHEDD, R. P. **Bíblia Shedd: Antigo e Novo Testamento**. Traduzida em Português por João Ferreira de Almeida. 2. ed. revista e atualizada no Brasil. São Paulo: Vida Nova; Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1997. 1929 p.

SILVA, J. G. **História da sexualidade no Egito antigo**. 2020. Disponível em: [https://cchla.ufrn.br/humanidades/ARTIGOS/GT11/artigo_monografiarw\[1\].pdf](https://cchla.ufrn.br/humanidades/ARTIGOS/GT11/artigo_monografiarw[1].pdf). Acesso em 30 de dez. de 2020.

ZABATIERO, J. P. T. Representação da identidade e etnicidade do antigo Israel. Revista **Caminhos**, Goiânia, v. 4, n. 1, p. 253-276, jul./dez. 2006. Disponível em: <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/105/91>. Acesso em: 30 de jan. 2021.

SOBRE O AUTOR

Braz José do Nascimento Júnior nasceu em 1971, na cidade de Recife e se formou em Teologia pelo Instituto Betel do Brasil (IBB) em 2019. Em 1998 se converteu ao protestantismo e atualmente é diácono da Igreja Batista em Areia Branca (IBAB) que fica na cidade de Petrolina - PE. É professor adjunto da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), Cirurgião Dentista e Doutor em Ciências Farmacêuticas pela UFPE. Escreveu e publicou um livro na forma de e-book intitulado: “Anatomia Humana Sistemática Básica”. É casado desde 2001 com Karla Adriana e tem três filhos Nínive Victória, Rafael Pedro e Igor Samuel.



ORCID: 0000-0002-2822-5442

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8497357879078103>

ÍNDICE REMISSIVO

A

Abraão 14
Agar 15
Aser 77

B

Benjamim 102, 107
Berseba 98

C

Caso Tamar 59

D

Dã 67
Davi 31
Débora e Baraque 72
Doze Tribos 23

E

Efraim 100

F

Faraó 91

G

Gade 73

Gideão 100
Governador 92

I

Isaque 17
Issacar 80

J

Jesus Cristo 112
José 86
Judá 56, 66

L

Labão 28
Levi 47

M

Má Fama 75
Manasses 100
Mercadores Ismaelitas
67

N

Naftali 70

P

Patriarcado Bíblico 31

Patriarca Eterno 112
Porneia 36
Potifar 89
Primogenitura 28

R

Rebeca 17
Reino Do Norte 24
Reino Do Sul 24

S

Sara 16
Simeão 42

T

Traição de Simeão e
Levi 43
Transgressão Sexual 34

V

Valor de Rubem 37
Verdadeiro Primogênito
112
Violência e Vingança 108

Z

Zebulom 83

Este livro foi composto pela Editora Bagai.



www.editorabagai.com.br



[/editorabagai](https://www.instagram.com/editorabagai)



[/editorabagai](https://www.facebook.com/editorabagai)



contato@editorabagai.com.br